



ANO 6 - NÚMERO 69 - JULHO 2020

# xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

## ÁGUA DEIXA DE SER DIREITO E VIRA PRODUTO COMERCIAL

p. 08

### AMAZÔNIA

Os ventos da floresta

p. 20

### DICA ECOLÓGICA

Sabão de álcool  
Reciclando gorduras  
p. 36

### EDUCAÇÃO INDÍGENA

Escola Tatu dos Xavante:  
um sonho concretizado  
p. 40

#ACAIXA  
É TODA  
SUA

# ORGULHO QUE VIRA EXEMPLO DE VIDA.

Obrigado, Pessoal da Caixa, por atenderem diariamente milhões de brasileiros e os ajudarem neste momento tão difícil. Vocês são motivo de orgulho para todos nós.

Orgulho também temos da Caixa, por ser a responsável pelo pagamento do Auxílio Emergencial e de outros tantos benefícios. Por isso, a Caixa deve manter-se 100% pública, forte e de todos os brasileiros.

## OBRIGADO, PESSOAL DA CAIXA.

**VOCÊS SÃO ESSENCIAIS  
PARA O BRASIL SEGUIR  
EM FRENTE.**

Caixa 100% pública para todos os brasileiros e brasileiras.

[www.acaixaetodasua.com.br](http://www.acaixaetodasua.com.br)

FENAE

COMITÊ NACIONAL  
EM DEFESA DA CAIXA

“O país dos abraços aprende, na dor das distâncias medidas, um novo idioma de gestos: Eu te amo, mas não te toco. Eu te amo e porque te amo não te toco.”

”

Pedro Tierra

## COLABORADORES/AS - JULTHO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antônio Teixeira Neto – Geógrafo. Eduardo Pereira – Sociólogo. Emir Bocchino – Designer Gráfico. Emir Sader – Sociólogo. Hugo de Carvalho Ramos – Escritor (in memoriam). Iêda Leal – Professora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Henda – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Lopes Agulhê Junior – Escritor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Pedro Rafael Vilela – Jornalista. Pedro Tierra – Poeta. Reinaldo Filho Vilas Bôas Bueno – Escritor. Tempty Suyá – Professor Indígena. Thiago de Mello – Poeta. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista. Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Graça Fleury – Socióloga. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. Kleiton Morais – Sindicalista. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Lucélia Santos – Atriz. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista.



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Já disseram muitas vezes, mas nunca é demais repetir: se houver uma terceira guerra mundial, o motivo será a água. Esse líquido essencial à vida no Planeta vai se tornando precioso – e, de tão precioso que vai ficando, ameaça fugir do alcance de boa parte da população brasileira.

Desde que ajudaram a dar o golpe que derrubou Dilma Rousseff, os lanceiros do poder econômico liberal andam às voltas com tentativas de privatizar o fornecimento de água à população. Chegaram, contudo, ao fim da linha, aprovando no Congresso um projeto de lei que é chamado de marco regulatório do saneamento.

O fornecimento de água e a coleta de esgoto e lixo são serviços estatais, no Brasil, desde o governo de Getúlio Vargas. E muitos países que já haviam privatizado o saneamento estão voltando atrás e colocando tudo de novo nas mãos do Estado. Inclusive nossa vizinha Argentina.

Em debate virtual com o ex-presidente Lula, o chefe de Estado argentino Alberto Fernández concordou em que, no mundo que sairá da crise do Coronavírus, é mais que necessária a ação do Estado. O tal mercado ou a livre iniciativa não estão nada preocupados com a enorme quantidade de pessoas que precisam de ajuda – e não poderão pagar por esse novo produto, a água.

Esse é o tema da matéria de Capa e de outros artigos desta edição da Xapuri. O assunto clama por debates, chance que foi negada no Senado Federal, onde a proposta de privatização foi votada a toque de caixa, ciceroneada pelo senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), um hábil lanceiro.

Mas, como de costume, não ficaremos só nisso, pois o mundo não é guiado apenas pelos gananciosos caçadores de lucros, nem que seja com a sede e o sofrimento de boa parte da população.

Temos muito mais a oferecer. Vale a pena conferir.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Estamos muito felizes com o apoio da Revista Xapuri à Campanha A'uwe Tsari.  
O apoio de vocês está ajudando a salvar vidas do meu povo.

**Lúcio Xavante - Barra do Garças - MT.**

Muito triste essa realidade do desmatamento que cresce na Amazônia. Obrigada,  
Xapuri, por nos informar sobre o que se passa na nossa floresta amazônica.

**Martha Nunes - Formosa - GO.**

Gosto muito do que aprendo sobre os povos indígenas na Revista Xapuri.  
Eu não sabia que "arapari" é uma palavra que significa Cruzeiro do Sul,  
ou, como vocês colocaram, "aquele que aponta caminhos". Amei.

**Rosaura Silva - Campo Grande - MS.**



**08 CAPA**  
Água deixa de ser direito e vira produto comercial

**20 AMAZÔNIA**  
Os ventos da floresta

**15 BIODIVERSIDADE**  
Harpia: a maior ave brasileira

**21 SAGRADO INDÍGENA**  
Eu pensava que o vento era igual a casa de marimbondo

**16 ECOLOGIA**  
Viva a agricultura brasileira...  
Mas ainda não aprendemos a lição

**22 CONJUNTURA**  
Enquanto houver racismo,  
não haverá democracia.  
Nem no mundo, nem no Brasil

**Xapuri** - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

**24 SAÚDE**  
As virtudes das flores

**36 DICA ECOLÓGICA**  
Sabão de álcool  
Reciclando gorduras

**25 CONSCIÊNCIA NEGRA**  
No apagar das luzes,  
Weintraub confirma seu racismo

**40 EDUCAÇÃO INDÍGENA**  
Escola Tatu dos Xavante:  
um sonho concretizado

**26 DIREITOS HUMANOS**  
Matadouro Brasil:  
notícia sobre um genocídio tropical

**42 CULTURA**  
Caminho das Tropas

**28 HISTÓRIA SOCIAL**  
Será que todo dia é mesmo dia de índio?

**46 SUSTENTABILIDADE**  
Covid-19: ou cooperamos  
ou não teremos nenhum futuro

**31 AVOSIDADE**  
A viagem do vovô no balão de sonho

**48 UNIVERSO FEMININO**  
Ticê - a Deusa brasileira  
do sagrado feminino

**33 GASTRONOMIA**  
Bolo de banana Rosa Maria

**34 PERFIL**  
Ailton Krenak: o mundo em silêncio

## Revista Xapuri

### Imagem do mês

@revistaxapuri

@sosxavante

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!



# ÁGUA DEIXA DE SER DIREITO E VIRA PRODUTO COMERCIAL

Jaime Sautchuk

**A** Agência Nacional de Águas (ANA) já vem, há alguns anos, manipulando os Comitês de Bacias Hidrográficas (CBH) pra que não se metam no célere processo de privatização da água e de todo o saneamento básico. Mas, por diversos caminhos, vem convencendo, também, grande parte da população de que a água é um produto comercial e não um direito de todo ser humano, como previsto na Constituição Federal do Brasil.

Os poucos comitês de bacias que funcionavam, no país inteiro, de repente se encolheram, e também ficaram quietos, enquanto o projeto de lei da privatização foi colocado em votação no Senado Federal. Acabam sendo entes figurativos, formados por convidados muito pouco interessados em debater os problemas dos rios, córregos, lagos e lagoas das cidades brasileiras – este seria o papel dos CBHs.

A população em geral vem sendo convencida, pelos meios de comunicação social e outros caminhos, de que a água é um bem como a farinha e tantos outros, que têm um preço a ser pago pelo consumidor. Usar qualquer água nas atividades domésticas e pessoais é, acima de tudo, um risco muito grande, com o aumento da incidência de doenças.

O Projeto de Lei 3.261/2.019, conhecido como marco regulatório do saneamento, por promover mudanças de profundidade na legislação que regula o setor, vem tramitando desde o ano passado no Congresso. A própria ANA terá novas atribuições, como reguladora de um setor privatizado, e passará a se chamar Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. Vai regular, é claro, de acordo com os interesses das empresas proprietárias dos bens.

Em março deste ano, o senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) foi nomeado relator dessa matéria no Congresso, o que explica a rapidez com que a proposta foi votada no Senado Federal. Hábil em negociações e esperto em negociatas, ele evitou debates e muitas discussões em torno do assunto, evitando, assim, complicações do tipo das experimentadas na Câmara Federal.

Além do mais, é importante notar que a família Jereissati, em suas atividades empresariais, tem fortes relações com a Coca-Cola, pois Tasso é dono da Solar, que detém todo o engarrafamento e a distribuição dos produtos Coca-Cola no Nordeste e em parte do Centro-Oeste do País. O senador cearense é um dos maiores empresários do sistema Coca no mundo, e a multinacional é uma das maiores interessadas na privatização da água no Brasil.

Em verdade, o Brasil vem remando contra a maré, de novo, pois diversos países que, em surtos neoliberais, haviam privatizado a gestão do saneamento básico estão voltando atrás. No linguajar que os mandatários desses países têm usado, “a experiência não deu certo”, vindo a coincidir com previsões que podem e devem ser feitas sobre o mundo pós-coronavírus, especialmente do ponto de vista econômico e social.

## NO FUTURO

Este foi o tema de um debate virtual realizado pela Universidade de Buenos Aires (UBA), entre o presidente da República argentino, Alberto Fernández, e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Já em sua fala inicial, Lula dedicou grande parte do seu tempo à análise da situação de todos os países da América Latina, defendendo postura que também foi enfocada por Fernandez.

Ambos defenderam que a tendência inarredável desses países é o fortalecimento da estrutura estatal no combate aos efeitos da crise que enfrentam, pois “o mercado não quer saber de pobre”. A faixa da população com renda mais baixa (ou nenhuma), no Brasil, estará sem água tratada pra consumir, justamente num momento que esse bem passa a ser gerido pelo setor privado.

“O que vai salvar a América Latina depois dessa pandemia é uma palavra: democracia. Precisamos recuperar a democracia na América Latina, porque um Estado eleito forte cuida do seu povo. O mercado não resolve nada, o mercado só cuida do seu umbigo. Quem cuida do povo é o Estado”, disse Lula.

De igual modo, em sua fala, o presidente argentino defendeu uma ação mais ativa do Estado na crise. “Nada é mais importante que a vida, que a saúde da população. Mas há alguns que acreditam que o mais importante são os negócios. É um falso dilema perguntar se queremos escolher entre a vida e a economia”, afirmou Fernández.

Na prática, desde logo após o golpe que derrubou Dilma Rousseff, em 2016, o governo federal vem empreendendo um amplo programa de privatizações, Programa de Parcerias de Investimento (PPI), que abrange diversas companhias estaduais de saneamento. Vários estados já privatizaram essas empresas, o que representa séria ameaça à universalização desses serviços no País.

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) elaborou um estudo técnico sobre o plano de privatizações do governo, em que aponta uma série de problemas, entre os quais, estes:

*“Por fim, importante mencionar que o programa de privatização não prevê nenhum tipo de consulta à sociedade, como a realização de audiências públicas, imprescindíveis nas regiões onde o governo pretende privatizar os serviços de saneamento. (...) Além disso, o programa não faz nenhuma menção aos trabalhadores das empresas que poderão ser privatizadas. A falta de uma diretriz para os empregados dessas companhias tem gerado grande incerteza e apreensão para os trabalhadores e suas famílias, sobretudo diante de uma conjuntura de recessão econômica e aumento das taxas de desemprego.”*

## REALIDADE

No último dia 25 de junho, a Comissão de Serviços de Infraestrutura do Senado Federal realizou uma audiência pública sobre universalização do



saneamento básico no Brasil – honrando o dito “antes tarde do que nunca”. De todo jeito, na ocasião foram apresentados dados espantosos. Por exemplo, os expositores alertaram para o fato de que 48% da população brasileira ainda não têm coleta de esgoto.

Esses dados foram comentados pelo expositor Édison Carlos, presidente executivo do Instituto Trata Brasil, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), que atua no Brasil desde 2007, bastante ligada à empresa Coca-Cola. Ele afirmou que todos os objetivos de desenvolvimento sustentável são conectados ao saneamento.

Segundo Édison, 35 milhões de brasileiros ainda não têm água tratada, o que equivale à população inteira do Canadá; e a falta de coleta de esgoto também atinge 59% das escolas do ensino fundamental no País, segundo ele.

– O Brasil exporta tecnologia agrícola e não consegue ainda entregar esgoto tratado – lamentou ele. E acrescentou que a falta de saneamento básico impacta mais as mulheres, que geralmente são as que mais perdem dias de lazer, de aula e de trabalho, pelo fato de terem que se deslocar para buscar água potável e cuidar dos doentes da família.

– Como vamos construir um país realmente desenvolvido numa situação dessa? – questionou. Segundo o “esgotômetro”, medidor de esgoto despejado na natureza, disponível no site do Trata Brasil, na Internet, mais de 1,5 milhão de piscinas olímpicas de esgoto foram lançadas ao meio ambiente no Brasil desde 1º de janeiro de 2019.

– Hoje estamos falando de incêndio nas florestas, de agrotóxicos, de vários impactos ambientais. Não há nenhum impacto ambiental hoje maior do que o lançamento de esgoto. E é um assunto que a gente

ainda não consegue dar velocidade necessária para solucionar – disse.

A falta de saneamento básico implica o aumento de doenças na população. Segundo Édison, há mais de 300 mil internações por ano no Brasil causadas por diarreias graves. Além das doenças, há ineficiência na entrega de água. Informou que, em 2017, o Brasil teve prejuízo de R\$ 11 bilhões, o que daria para ter abastecido 30% da população.

– Essa ineficiência brasileira na distribuição de água é fatal para que a gente não consiga avançar nos serviços de saneamento. São vazamentos, gatos, roubos, fraudes de hidrômetros, hidrômetros que não medem nada – citou Édison.

Por fim, ele apresentou um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entregue ao ex-presidente Michel Temer e ao presidente Jair Bolsonaro, mostrando que o Brasil ganharia R\$ 1,1 trilhão nos próximos 20 anos se universalizasse o saneamento básico, a um custo de R\$ 470 bilhões.

– Talvez não haja maior e melhor investimento que esse país possa fazer do que a universalização do saneamento básico. É a infraestrutura que mais traz benefícios a um ser humano. É a infraestrutura mais relevante que um país pode ter – afirmou.

Questionado sobre a privatização do setor, o presidente do Instituto Trata Brasil disse que apoia a parceria entre empresas públicas e privadas. Segundo Édison, das 20 melhores cidades com saneamento básico, 14 são operadas por empresas públicas, e seis, por empresas privadas. Para ele, o que precisa funcionar é a fiscalização e a regulação do setor.

– Isso mostra que a empresa ser pública não significa que ela seja ruim. Queremos que haja uma maior participação conjunta – disse.



## OUTROS CAMINHOS

Vale lembrar que a Argentina foi um dos países que jogaram o saneamento básico nas mãos da iniciativa privada, mas estão revendo a decisão. Os serviços de abastecimento de água e saneamento da Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA) foram concedidos, em 1993, à empresa multinacional francesa Suez por 30 anos, o que era, na época, a maior concessão privada do mundo, havendo na cidade uma população de cerca de 9 milhões de pessoas.

Há inúmeras irregularidades que vêm se sucedendo desde a privatização até os dias atuais. A empresa concessionária, com apoio de governos e de parte do Poder Judiciário argentino, chegou a dolarizar as tarifas de água e esgoto por alguns anos, só recuando após intensa mobilização social. A coleta de esgoto, que custa o dobro da água fornecida, deixa de fora do atendimento cerca de 20% da população, justamente a parte mais carente, e os lucros são sempre algo em torno de cinco vezes mais que os investimentos na melhoria dos serviços.

O atual governo argentino conta com um processo inverso do brasileiro, pois a maioria esmagadora da população de lá tem se mobilizado, com manifestações de rua e outras ações, pedindo a reestatização dos serviços. Este, aliás, foi um dos temas centrais da campanha eleitoral que levaram Alberto Fernández ao poder, no ano passado, com a promessa de reverter a crise no saneamento o mais rapidamente possível. A promessa está sendo cumprida.

Esse é um caso de um vizinho, aqui na América do Sul. Mas, segundo o *Transnational Institute (TNI)*, entre 2000 e 2017, houve 884 processos em que os serviços privatizados foram devolvidos ao controle público em todo o mundo. São casos de concessões não renovadas, contratos rompidos ou empresas compradas de volta, em sua grande maioria de serviços essenciais como distribuição de água, energia, transporte público e coleta de lixo.



Deste total, pelo menos 835 são remunicipalizações (quando os serviços são originalmente de prefeituras) e 49 nacionalizações (ligadas a governos centrais). E a tendência é acelerada e bastante atual, já que mais de 80% dos casos aconteceram de 2009 em diante.

A França foi um dos primeiros países europeus a reverem a privatização de seus serviços de saneamento. Benjamin Gestin, diretor geral da *Eau de Paris* (empresa pública responsável pelo fornecimento de água na capital francesa), explica por que a capital da França optou pela remunicipalização do serviço de saneamento.

Segundo ele, esse processo foi fundamental para a garantia do direito à água. Ele foi entrevistado por Ana Lucia Britto, pesquisadora do Observatório das Metrôpoles e coordenadora de projetos do Observatório Nacional dos Direitos à Água e ao Saneamento (ONDAS). Uma das perguntas:

*ONDAS: Quais foram as principais motivações para a remunicipalização dos serviços públicos de abastecimento de água e de criação da empresa pública Eau de Paris em 2009, substituindo as duas concessionárias privadas que operavam a distribuição de água potável na cidade de Paris desde 1984?*

*Benjamin Gestin: O primeiro motivo é o controle da cidade de Paris sobre um serviço que é uma competência municipal. O prefeito de Paris, na época, tinha a impressão de não saber mais o que faziam as empresas concessionárias, de não ter mais controle sobre um certo número de parâmetros da prestação de serviços, sobretudo sobre o parâmetro preço. Foi constatada uma perda de controle por parte dos vereadores, representantes da população e dos próprios cidadãos do serviço público de água. A segunda razão é que em Paris a água é considerada um bem comum, um bem essencial e vital, que deve ser acessível a todos, em condições aceitáveis. Isso necessita um modo de gestão particular, um modo de gestão que não pode ser pelo setor privado. Era preciso colocar um fim à estrutura que foi implantada em 1986 em que a distribuição havia sido delegada a companhias privadas; a uma separação entre a produção e a distribuição. O município de Paris fez a escolha de integrar produção e distribuição tendo um operador que faz a gestão de todo o sistema de abastecimento de água.*

O Reino Unido, ou melhor, a Inglaterra, também enfrentou esses e outros problemas, que forçaram a revisão das privatizações de meia dúzia de empresas estatais de saneamento, ocorridas há décadas. Embora sob governo conservador, adepto do liberalismo econômico, a medida conta com apoio do parlamento e de entidades civis, de universidades e da população em geral, cansada de pagar caro por um serviço que deixa muito a desejar.



Como parte do pacote de medidas, o governo apoiou a iniciativa da ONG *International Water Association (IWA)*, de elaborar e publicar o *Manual Sobre os Direitos Humanos à Água Potável e Saneamento para Profissionais*, voltado a um público de grande importância – os profissionais que já atuam no setor e, por isso, são alvos de intensa propaganda de defensores do saneamento privado. O prefácio da publicação foi feito por um dirigente da Organização das Nações Unidas (ONU), que também apoia o projeto. Ele diz:

*Este manual descreve o papel que os prestadores de serviços e entidades reguladoras devem desempenhar para a realização dos direitos, discutindo a sua responsabilidade de rever as políticas e práticas atuais e certificarem-se de que estão alinhadas com os direitos humanos à água e saneamento. O manual orienta os prestadores de serviços e as entidades reguladoras, na sua interação com os governos, na eliminação de práticas discriminatórias, na certificação de que existe informação suficiente disponível para os utilizadores ou pessoas que pretendam utilizar os serviços e na disponibilização de mecanismos de reclamação eficientes. Estes mecanismos, em conjunto com espaços adequados para a participação ativa, livre e significativa, constituem a abordagem correta para os casos em que o serviço não está em conformidade com os direitos à água e saneamento e para garantir que existem meios suficientes para compensação, mesmo para aqueles que ainda não estão a receber o serviço, estão ao alcance do prestador de serviços.*

## TODOS JUNTOS

Nos recursos hídricos – e saneamento de um modo geral – as atividades empresariais passaram a ser camufladas em ações ditas de “interesse social”. Governos, empresas privadas e comunidades agindo em conjunto teriam resultados mais vantajosos a todos, o que não tem se comprovado, na verdade, porque por mais que dourem a pílula, as empresas visam robustos lucros, que precisam ser ainda maiores se parte deles forem aplicados em ações sociais.

Com a legislação ainda em vigor no Brasil, as prefeituras municipais e os governos estaduais têm autonomia de ação, mas limitadas por diversos fatores, inclusive naturais. Uma bacia hidrográfica não se limita a um ou dois municípios – daí a importância dos comitês de bacias e daí, também, os motivos pelos quais esses organismos não funcionam ou não cumprem seu papel.

Na década de 1990, por exemplo, no estado de São Paulo foram feitas várias tentativas de privatização do saneamento, mas as prefeituras tinham contratos de longo prazo (30 anos ou mais) com a empresa estadual, que impediam ações. Era difícil submeter um pedido de autorização às câmaras de vereadores, pois a legislação existia pra isso mesmo.

No entanto, a legislação que está sendo aprovada agora abre as portas à iniciativa privada, na esperança de que a chamada livre concorrência funcione. Ao contrário, a lei está criando formas de dificultar o trabalho das prefeituras que quiserem



Foto: divulgação

manter o saneamento estatizado. A Coca-Cola, Ambev e outras “gestoras” de águas estão saindo altamente fortalecidas desse processo.

Ações comunitárias de abertura de cisternas ou perfuração de poços artesianos, tratamento de esgotos que são jogados em córregos, rios, lagos e lagoas vão proliferar agora, com certeza. Mas, já sabemos que todos os custos desses projetos bonzinhos sairão do bolso de quem paga o fornecimento de água e a coleta de esgotos.

A não ser quem não pode pagar e, portanto, ficará sem esses serviços. E aí, mais uma vez, quem não puder pagar ficará sujeito a tomar água de fraca qualidade e utilizar algum hospital público pra se

livrar de diarreia e outras doenças mais. Até porque os cursos d’água que houver por perto já estarão ainda mais poluídos, pois será mais barato jogar o esgoto ali do que pagar pela coleta.

Cabe às forças democráticas e progressistas em nosso País exercer seu papel e impedir que esse caminho da privatização seja viabilizado por meio desse marco regulatório desvirtuado.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

# HARPIA:

## A MAIOR AVE BRASILEIRA

— Eduardo Pereira

A maior ave brasileira atende pelo nome de Harpia (*Harpia harpyja*) e é também conhecida como gavião-real, gavião-de-penacho, uiraquer, uiruetê, uiraçu, uiracuir, cutucurim e uiraçu-verdadeiro. *Uiruetê* é um termo tupi que contém o termo *e'tê*, “verdadeiro”. *Uiraçu* veio do termo tupi para “ave grande”. E *uiracuir* veio da junção dos termos tupi-guarani para “pássaro” (*gwirá*, *uirá*) e para “cortante/afiado” (*kuir*).

Além de ser a mais pesada das aves brasileiras, chegando a até 12 quilos, nossa harpia é também uma das maiores aves de rapina do planeta. O nome harpia vem da mitologia grega. Os primeiros europeus que aqui chegaram assim a chamaram, comparando-a às monstruosas meio-mulheres/meio-águias da mitologia grega, por sua agilidade e habilidade para a caça.

Gavião-de-penacho e gavião-real, porque tanto o macho como a fêmea têm um lindo penacho na cabeça, com formato semelhante ao de uma coroa que, junto a um tipo de crista de penas largas, se levanta quando a ave ouve algum ruído. Além disso, os olhos pequenos e uma cauda com três faixas cinzentas compõem suas principais características.

Com asas largas e redondas, pernas curtas e grossas, dedos extremamente fortes e garras compridas e poderosas, a harpia é uma ave predadora tremendamente eficaz. Capaz de levantar um carneiro do chão, ela se alimenta principalmente de outras aves e de pequenos mamíferos, que caça com investidas curtas e rápidas. Grandes presas, como preguiças e macacos, costumam ser consumidas parcialmente até poderem ser transportadas para o ninho.

Do alto de seus 90 centímetros de altura e de sua envergadura de até 2,5 metros, a harpia é uma águia adaptada ao voo acrobático em ambientes florestais de espaços fechados, na Amazônia e em outras áreas de remanescentes de florestas na Argentina, na Bolívia, na Colômbia, no México e em algumas áreas da América Central. Há também registros raros da presença da harpia na Mata Atlântica. Como é uma ave muito visada pelos humanos, ela se restringe, atualmente, à Floresta Amazônica.



**Eduardo Pereira**  
Sociólogo.  
@weiss\_guru

Fontes:

<https://www.infoescola.com/aves/harpia/>  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Harpia\\_harpyja](https://pt.wikipedia.org/wiki/Harpia_harpyja)





## VIVA A AGRICULTURA BRASILEIRA... MAS AINDA NÃO APRENDEMOS A LIÇÃO

Altair Sales Barbosa

**E**stamos em meados de 2020. Salve a agricultura e a pecuária brasileiras, que mesmo na fase desta pandemia estão mostrando sua pujança e sustentando em grande parte a economia do país.

Parabéns aos empreendedores. Parabéns aos pesquisadores da Embrapa, que a cada ano desenvolvem técnicas mais sofisticadas para melhoria da fertilidade do solo, resistência dos plantios e o mais impressionante: a sofisticação dos métodos de irrigação. Parabéns, isso só demonstra a capacidade do pesquisador brasileiro quando se coloca à sua disposição treinamento adequado e recursos para alcançar seus objetivos.

Salve! Eu estaria muito feliz, se não estivéssemos atravessando uma pandemia, cujo enfrentamento se dá sem um mínimo de planejamento. Onde governadores, prefeitos, deputados e até jornalistas dizem agir em nome da ciência, mal sabendo eles que um dos princípios da ciência é questionar seus próprios resultados. E se apoiar na seta do tempo, de forma humilde e não demagógica. Aguardar a eficácia ou não dos resultados, para buscar de forma planejada e dialógica a solução para os problemas.

Conhecendo um pouco da história natural das endemias e pandemias, desde os primeiros registros da peste bubônica, que assustou o mundo, e a enigmática origem da gripe espanhola, que pode ter surgido tanto na China, como num acampamento militar dentro dos Estados Unidos, durante a primeira guerra mundial, e que levou a

óbito cerca de cinquenta a cem milhões de pessoas, conclui-se que todas elas foram e são frutos de entropias ou desequilíbrios ambientais e sociais.

Por isso, observo com receio esse alarde em torno dos resultados da agricultura e da pecuária. Parece que não aprendemos a lição. Os pesquisadores dos insumos que aumentam essa produtividade ainda continuam bebendo nas águas de um poço profundo e escuro, que lhes restringe a possibilidade de ver a realidade como um sistema dinâmico, cujas partes integrantes devem estar em constante interação de equilíbrio, para evitar as entropias, pois essas, uma vez desencadeadas, podem provocar situações incontroláveis.

Os resultados obtidos pela produção agropastoril já motivam a busca de novas fronteiras. Onde se encontram esses paraísos iluminados? Eles estão nos poucos relictos de interflúvios, situados nos chapadões centrais do Brasil, para cujos espaços já existem as tecnologias de ponta sendo aplicadas com êxito. As buscas das últimas fronteiras já tiveram início. Começaram a ressuscitar as ideias do MATOPIBA – como é curta e contraditória a ideia que temos da história, também como é curta a visão daqueles que nos representam e decidem por nós de enxergarem essa situação que caracteriza os meados do ano 2020.

Será que ainda não entendemos ou será que a ideia da pujança econômica, explicitada pelos resultados da agricultura, lhes apaga a ideia do futuro, e o desejo de pousar bem na efêmera fotografia apaga também a ética dos pesquisadores?

Para produzir de forma mais expressiva, é necessária a abertura de novas fronteiras, ou seja, conquistar novos espaços. Acontece que nesses espaços mora gente detentora de tecnologias simples, incapazes de provocar grandes transformações. E, mesmo mutilados, se constituem nas últimas reservas que ainda podem garantir um futuro sem convulsões sociais e desequilíbrios ambientais.

Para a irrigação, fator fundamental desse modelo agropastoril, não é somente a invenção de controles eletrônicos que é necessária, o mais importante é a água. As águas continentais são provenientes das chuvas, que se formam sobre os oceanos e são carregadas para o continente através de correntes aéreas. Parte da precipitação sobre a Terra evapora e parte entra nas correntes e volta aos oceanos pelo escoamento superficial. O restante penetra no solo.

À medida que essa água vai se aprofundando, uma pequena parte adere ao material, através do qual ela se move e interrompe a descida. Com exceção dessa água suspensa, no entanto, o resto penetra e se acumula até preencher todos os espaços e poros disponíveis. Dessa forma são definidas duas zonas, de acordo com o principal conteúdo dos espaços ocupados nos poros, pelo ar ou pela água: a zona de aeração e a zona subjacente de saturação. A superfície que separa essas duas zonas é o lençol freático.

A base de toda saturação varia de lugar para lugar, mas normalmente se estende até uma profundidade onde uma camada impermeável é encontrada ou onde a pressão de confinamento fecha todos os espaços abertos. Estendendo-se irregularmente para cima, de alguns centímetros até vários metros da zona de saturação, está a franja capilar. A água se move para cima nessa região por causa da tensão superficial, semelhante ao modo como a água sobe em uma toalha de papel.

Uma vez saturado o lençol freático, e dependendo das características das rochas, a água desse lençol penetra lentamente até encontrar impermeabilidade, formando ao longo de muito tempo os lençóis profundos denominados de lençóis artesianos ou aquíferos. Os aquíferos se localizam entre os poros das rochas sedimentares, mas também são localizados nas galerias cársticas que se formaram por longo tempo.

Seu deslocamento é lento, mas, mais dia menos dia, chega aos oceanos. São responsáveis pelas nascentes que dão origem à maioria dos rios da Terra. Sua existência está na dependência das águas precipitadas e de sua captação, principalmente pela vegetação de raízes profundas e de sistema radicular complexo. Se a vegetação for retirada, ocorre considerável variação da quantidade de água contida nos aquíferos, o que pode culminar com seu desaparecimento.

Com a retirada da vegetação nativa, cujo processo tem-se intensificado nas duas últimas décadas, as reservas subterrâneas chegaram ao nível de base e não são alimentadas, como vinham

sendo, desde priscas eras. São essas reservas as responsáveis pela perenização dos rios.

Este ano podemos considerar neutra a ação de fenômenos como *El Niño* e *La Niña*. Isso permitiu um regime de precipitação excelente no centro-oeste do Brasil, fato que não aconteceu no sul do país. A consequência desse fenômeno foi a diminuição drástica das águas superficiais desde Santa Catarina até o Rio Grande do Sul. A vazão do rio Uruguai é a imagem emblemática dessa situação e pode ser explicada da seguinte forma: o que mantém a perenização dos rios são os aquíferos que os alimentam.

No caso do sul do Brasil, as águas superficiais dependem das águas subterrâneas do aquífero Guarani. Ele vem desde o centro do país, percorrendo no arenito Botucatu uma vasta região e aflorando em vários pontos, por baixo do tampão basáltico da formação Serra Geral. A forte estiagem que atingiu o sul do Brasil, neste ano, mostrou também a situação deste outrora grande aquífero.

Portanto, o avanço da fronteira agrícola sobre as poucas áreas ainda mais ou menos intactas dos chapadões centrais do Brasil certamente irá provocar desequilíbrios físicos, uma vez que, a exemplo do aquífero Guarani, os aquíferos Urucuiá e Bambuí se encontram em níveis críticos, em função da retirada, indiscriminada e sem planejamento, da cobertura vegetal nativa, fato que impediu a preservação de áreas estratégicas de recarga desses aquíferos.

Certamente, também provocarão desequilíbrios bióticos, não só no que se refere ao quadro vegetacional, mas também ao quadro animal, levando muitas espécies à extinção e provocando a migração de outras, incluindo os insetos, que invadirão polos urbanos, assim como outros espaços. As consequências não temos como avaliar, mas sabemos, pelos exemplos de outras entropias, que podem ser danosas. O avanço desse modelo agropastoril sobre essas áreas sem dúvida trará, também, convulsões sociais de larga escala, com resultados inimagináveis.

Dessa forma, não devemos nos iludir: na hora em que um fenômeno natural provocar uma estiagem prolongada e as águas dos rios, bem como das represas, ou dos poços perfurados para irrigação, não tiverem mais volume suficiente para sustentar as grandes plantações, iremos colher somente os estilhaços de uma bomba. É isto que esse modelo efêmero de agricultura e pecuária está plantando para o futuro.



**Altair Sales Barbosa** - Pesquisador do CNPq. Pesquisador da Unievangélica de Anápolis. Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri

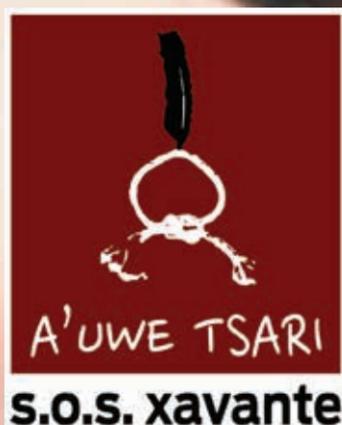
# A'UWE TSARI

s.o.s. xavante

**OS XAVANTE  
SOBREVIVERAM AO FACÃO,  
AO GARIMPO E AOS MASSACRES.  
ÀS ROUPAS CONTAMINADAS COM SARAMPO,  
À FEROCIDADE DO LATIFÚNDIO,  
DEVORANDO VEREDAS E BURITIZAIS.  
SOBREVIVERÃO ALCANÇADOS  
PELA MALDIÇÃO DO VÍRUS  
E PELO SILÊNCIO CÚMPLICE DOS  
GENOCIDAS?**

PEDRO TIERRA

Foto: Eduardo Pereira



[www.captar.info/campanha/sosxavante/](http://www.captar.info/campanha/sosxavante/)

**BANCÁRIOS E BANCÁRIAS JUNTO COM O POVO XAVANTE  
NA LUTA PARA SALVAR VIDAS!**





# OS VENTOS DA FLORESTA

Foto: divulgação

Thiago de Mello

Os outros ventos do mundo que não me queiram mal (e olhe que tantos deles foram tão bons comigo), mas os ventos que mais amo são os que passeiam, e cantam, e dançam na verde imensidão da minha floresta.

Não vou dizer que todos são meigos e que só gostam de fazer afagos. Nem que todos chegam cantando faceiros, e te abraçam com delicadezas de pétalas. Mas gosto mesmo dos atrevidos, dos que sopram em rajadas rijas agitando as imensas asas invisíveis sobre a tua cabeça quando vais de canoa no meio do rio.

Não digo que me sejam dos preferidos, mas respeito o caráter forte dos que chegam trazendo o temporal. Dos que vergam as árvores das margens e levantam a chuva pelos ares antes que ela chegue ao chão.

Eu poderia ficar um tempão contando para você das virtudes e poderes dos ventos meus amigos. (...) Mas só vou dizer que o mais poderoso dos ventos da floresta amazônica é o Vento Geral. Dei o nome dele a um livro que reúne vários trabalhos meus. Exatamente porque o chamado Geral não é um vento só, que chega forte já demais. Forte, às vezes até violento. Mas não é ventania, nem vendaval, nem vento de tempestade, que desce água das nuvens. Não.

São vários ventos chegando de bocas diferentes. De bocas de rios e de alturas atmosféricas, de várias direções. Parecem ventos doidos, ou brincalhões, dançando em cima das águas, empinando as ondas que se entrecrocam, o rio cheio de carneirinhos brancos.

Os vários ventos se encontram no meio do rio (eles preferem chegar na hora do entardecer), se abraçam, dizem adeus e vão embora, ninguém sabe para onde.

Quem mora na floresta já sabe que há um instante do dia em que o vento desaparece completamente. O ar fica parado. O mormaço vibra no verde do chão. Nenhuma folha se move. Nem a pontinha da palma da inajazeira. Ou é perto do meio dia, ou é na boca da noite.

Um dia perguntei ao Marcote, um menino meu amigo, que também varou vento e foi-se embora:

- Marcote, para onde é que o vento vai?

- Eu acho que ele vai para a casa dele, que fica lá em cima das nuvens. Mas às vezes ele demora a chegar, porque fica lá longe no rio, brincando de fazer banzeiro.

O meu amigo Tonzinho Saunier, caboclo de Parintins, considera carícia de vento mais doce que carícia de moça. Gosto não se discute. De mim digo que gosto muito da doçura, por exemplo, do vento que me afaga neste instante em que bem cuido destas palavras, deitado na minha rede branca da varanda, na beira do rio Andirá.

Mas também digo que não se dispensa ternura de mão de moça. Muito especialmente de certa moça que amanheceu na tarde da minha vida.



**Thiago de Mello** - Poeta maior da Amazônia e do Brasil, em *Amazonas - Águas, Pássaros, Seres e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.

# EU PENSAVA QUE O VENTO ERA IGUAL A CASA DE MARIMBONDO

Tempty Suyá

**Eu pensava que o mundo era separado, mas não é.  
Eu pensava também que a chuva era uma pessoa derramando água para baixo.  
E que a chuva tem dono.  
Eu pensava que a Terra era uma só aldeia.  
Eu pensava que a língua era uma só.  
Eu pensava que o rio era um só para nós.  
Eu pensava que o Sol era muitos para o mundo, mas não é.  
Eu pensava que nós éramos todos iguais.  
Eu pensava que o vento era igual a casa de marimbondo.  
Eu pensava que todos os índios usavam a mesma língua, mas tudo é diferente.  
Eu pensava que a noite era só na aldeia.  
Eu pensava que o céu descia no meio da mata.**



**Tempty Suyá** - Professor Indígena, em *Geografia Indígena*, MEC/SEF/ISA, 1988.



# ENQUANTO HOVER RACISMO, NÃO HAVERÁ DEMOCRACIA. NEM NO MUNDO, NEM NO BRASIL

Emir Sader

## Uma minoria branca racista domina o planeta

Uma minoria branca se apropriou do poder no mundo, através do colonialismo e do imperialismo, e domina a esmagadora maioria da humanidade, que não é branca. Basta somar a população da China e da Índia, dois países mais populosos do mundo, para se ter cerca de dois bilhões e meio de pessoas, todas de outras etnias.

Foi o surgimento do colonialismo que fez a Europa assumir o domínio econômico, político e militar do mundo. A Inglaterra invadiu a China – na guerra do ópio, entre 1839 e 1860 – que não tinha força militar para se defender, para introduzir o uso do ópio, para poder reequilibrar a balança comercial com a China, vendendo ópio produzido na China. Essa guerra interrompeu o ciclo de desenvolvimento da China, mais importante economia do mundo até então.

Naquele momento se deu o auge do colonialismo das potências europeias, que dividiram o mundo entre si. Nascia o eurocentrismo, a visão do mundo segundo a qual a Europa é o centro do mundo, seus valores os valores universais, com os outros povos considerados bárbaros.

O Ocidente instaura o Oriente, que agrupa da China ao Paquistão, do Oriente Médio ao Japão, isto é, o que não é Ocidente. A partir daquele momento, os brancos passaram a dominar o mundo, valendo-se da escravidão. A África foi uma vítima privilegiada do colonialismo europeu.

Teve suas riquezas dilapidadas e sua população transformada em escravos para produzir para o consumo da população branca europeia. O Brasil se tornou o modelo de economia escravista.

Três séculos depois, quando a escravidão terminava, o Brasil foi o país das Américas que mais demorou para acabar com ela. Como não passamos de colônia a república, mas a monarquia, a escravidão continuou. Em 1850 a Lei de Terras legalizou a propriedade dos que se tinham apropriado delas, inclusive através da grilagem. Quando os escravos, já no final do século,

se tornaram livres, já não havia mais terras para eles. Os negros foram perpetuados como pobres, no campo ou nas cidades.

Assumiram as funções menos qualificadas, sofrendo, da forma mais aguda, a desigualdade social no Brasil. Foram relegados a brasileiros de segunda classe. Excluídos sociais em todos os planos, ficaram identificados como os de menor nível educacional, de formação profissional, de poder econômico, sem possibilidade de ascensão social. Discriminados, desqualificados, se tornaram o modelo mesmo dos excluídos socialmente.

São 54% da população brasileira, mas são uma porcentagem muito maior entre os desempregados, os de trabalho precário, os presidiários, as vítimas privilegiadas da violência policial. O maior escândalo do Brasil é o genocídio de jovens negros, mortos diariamente pela polícia, de forma anônima, sem nome, sem famílias, sem rosto, como se fosse delegada à polícia a tarefa de eliminá-los, de excluí-los, prendê-los.

Em qualquer lugar para que se olhe na sociedade e no Estado brasileiros, são brancos que ocupam – com exceções para confirmar a regra – que ocupam os cargos de poder, de projeção, de formação da opinião pública, de poder econômico e político. No mundo também é assim. A Europa continua a se considerar o centro do mundo, a se definir como o continente civilizado, cercado de continentes bárbaros.

No entanto, não haverá democracia no mundo, nem no Brasil, enquanto houver racismo, enquanto os negros continuarem sendo cidadãos de segunda classe, marginalizados, discriminados, excluídos. Um país que tem uma maioria de negros, mas é governado por brancos, não é uma democracia.



**Emir Sader**  
Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.





## AS VIRTUDES DAS FLORES

Henda

Por longo tempo, os homens dependeram exclusivamente das plantas para sanar seus males.

Todos os povos da Terra possuem seu acervo de conhecimentos utilitários sobre a flora que os rodeia.

Hipócrates, o "pai da Medicina", listou algumas centenas de plantas, muitas das quais prestam serviço até hoje.

Plínio, o naturalista romano do século I, conhecia os vegetais de uso em poções salutíferas.

No século VI, Paracelso, o grande alquimista e médico suíço, dedicou-se ao estudo minucioso das plantas e do espírito das plantas, deixando preciosas indicações para a aplicação medicinal e esotérica de grande número de ervas e flores.

Nos claustros antigos, o cultivo de variados espécimes do reino vegetal era tarefa importante para os monges. Junto ao jardim dos mosteiros, onde se espalhavam plantas ornamentais, os frades mantinham um jardim de "prazer" e de "cura" - o herbularis - que servia à mesa e à farmacopeia com a qual socorriam os doentes.

Grandes conhecedores da "Farmácia do Bom Deus", como dizem os franceses, são os ciganos que, há séculos, transmitem de geração a geração os segredos dos meios oferecidos pela flora para a manutenção da vida. À colheita das plantas e ao preparo de poderosas panaceias consagravam-se as velhas avós que, por sua vez, aprenderam com suas avós gadjé as misteriosas mezinhas que garantiriam a saúde de seus netos.

O interesse pelas virtudes curativas das flores, folhas e raízes atravessou os tempos e hoje é revivido não somente por grande número de pessoas que buscam alternativas para as fórmulas químicas, como também pelos pesquisadores científicos, preocupados em ampliar suas informações sobre as qualidades vitais das plantas com o objetivo de descobrir sua validade para a vida humana.

**Henda** - Escritora, em Segredos de Tias e Flores. Editora Relume & Dumará, 1994.



# NO APAGAR DAS LUZES, WEINTRAUB CONFIRMA SEU RACISMO

Iêda Leal

Literalmente ao apagar das luzes, já que, na tarde de quinta-feira (18 de junho), Abraham Weintraub foi desligado do Ministério da Educação (MEC), o ex-ministro confirmou sua política de retrocesso, reforço e incentivo às desigualdades e ao racismo.

A gestão vexatória e repugnante de Weintraub à frente do MEC termina com grandes perdas. Sua última medida, como titular da pasta, foi a revogação da portaria que regulamentava a criação de Comissões de estímulo à inclusão de negros(as), população indígena e pessoas com deficiência nos programas de pós-graduação (mestrado, mestrado profissional e doutorado) das instituições federais de ensino superior brasileiras.

A decisão do ex-ministro, sem nenhuma explicação, evidencia o projeto de exclusão educacional do governo Bolsonaro. A desigualdade racial no país entre negros e brancos c fundamentação para aprovação da política de cotas (Lei das Cotas/ Lei nº 12.711/2012) que, inegavelmente, apresentou resultados positivos - não é parâmetro para uma administração de extrema direita, declaradamente racista e fascista.

Dados do IBGE apontam que, após a Lei de Cotas, o aumento de negros(as) na Educação superior aumentou em 267%, sendo que pela primeira vez na história, em 2018, o número de estudantes negros(as) ultrapassou o de brancos(as) nas universidades públicas do país. Contrariando a elite conservadora e

racista do Brasil, a inclusão de negros(as) e indígenas no ensino superior apresentou um excelente desempenho dos(as) alunos(as), não comprometendo em nada a qualidade do ensino ou a efetividade dos cursos. Nesse sentido, medidas para implementação da inclusão de negros(as), indígenas, e pessoas com deficiência na pós-graduação nas universidades federais deveriam ser tomadas como determina a legislação em vigor e não, como foi feito, a sua extinção. Indiscutivelmente, o governo Bolsonaro não prioriza a Educação, muito menos, a inclusão educacional. Weintraub, incapacitado para o cargo que ocupou, deixa a pasta tarde, já que em todo o tempo que esteve no MEC foi o condutor de medidas prejudiciais e um dos porta-vozes do ódio tão enraizado neste governo.

Racistas e fascistas não passarão! Estamos na linha de frente da mobilização contra mais esse ataque racista, na certeza de que o país só conseguirá respirar aliviado quando esta administração tiver fim. Mas seguimos na resistência para que estes absurdos não sejam consolidados. Cotas - direito conquistado pela população negra do país!



**Iêda Leal** - Coordenadora Nacional do MNU. Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.



# MATADOURO BRASIL: NOTÍCIA SOBRE UM GENOCÍDIO TROPICAL

Pedro Tierra

HUMANO NÃO É O IMPULSO  
DE PARTILHAR A SORTE DE ALGUÉM,  
CUJO ROSTO NUNCA VIMOS,  
MAS POR ALGUM SINAL DO SANGUE  
NA PAREDE OU NO DESTINO  
RECONHECEMOS IRMÃO?

QUEM DE NÓS IGNORA  
QUE MORREMOS UM POUCO  
NO CORPO DE QUEM TOMBA  
AO NOSASO LADO, ALVO DE UM BALAÇO,  
OU SUFOCA A CAMINHO DO HOSPITAL?

AFINAL, O QUE FOI FEITO DO BERÇO  
DE ÁGUAS E VERDES E AFETOS  
QUE IMAGINÁVAMOS CULTIVAR?  
O QUE FOI FEITO DOS SONS  
DO SURDO E DO TAMBORIM,  
DA SANFONA, DO TRIÂNGULO E DA ZABUMBA,  
DA VIOLA SERTANEJA  
QUE NOS ACALENTARAM  
E DESENHARAM O MAPA  
DOS NOSSOS CORAÇÕES?

DEVASTADO PELA DOR E PELO ÓDIO,  
JÁ NÃO O RECONHECEMOS COMO O LUGAR  
QUE MOLDAMOS PARA NASCER E AMAR  
NA GEOGRAFIA AFETIVA DA ALMA.

A PALAVRA DO POETA SEJA SOPRO  
SOBRE A BRASA ADORMECIDA  
DE NOSSA INDIGNAÇÃO.  
E POSSA ACENDER AS CHAMAS  
DA IRA DIANTE DO INTOLERÁVEL.

NÃO TEMER A IRA!  
A SAGRADA EXPLOÇÃO DA IRA  
DIANTE DO INJUSTO  
É QUE NOS FAZ HUMANOS!

PERGUNTO AOS PALÁCIOS DE VIDRO  
ERIGIDOS PELAS MÃOS  
DOS PEDREIROS CANDANGOS:  
QUE PAÍS SERÁ CONSTRUÍDO  
SOBRE OS OSSOS DOS POVOS  
CONDENADOS AO MATADOURO?

GUARANI, KAIOWÁ, YANOMAMI,  
KRENAK, CINTA-LARGA, TIKUNA,  
KARAJÁ, SURUI, CAIAPÓ, RIKBATSÁ,  
TAPIRAPÉ, KAXINAWÁ, PARAKANÁ, KAMAIURÁ...

OS XAVANTE  
SOBREVIVERAM AO FACÃO,  
AO GARIMPO E AOS MASSACRES.  
ÀS ROUPAS CONTAMINADAS COM SARAMPO,  
À FEROCIDADE DO LATIFÚNDIO,  
DEVORANDO VEREDAS E BURITIZAIS.  
SOBREVIVERÃO ALCANÇADOS  
PELA MALDIÇÃO DO VÍRUS  
E PELO SILÊNCIO CÚMPLICE DOS GENOCIDAS?

OUÇO NA ESPLANADA  
SOB O VIOLENTO AZUL DO INVERNO  
DE NOSSAS DESESPERANÇAS  
UM DIFUSO CLAMOR.  
QUE MINHA VOZ ECOE O PRANTO  
DAS MÃES YANOMAMI  
EM BUSCA DOS CORPOS  
DE SEUS FILHOS ENTERRADOS.

A MORTE AQUI TEM NOME E LUGAR:  
FAVELAS, MOCAMBOS, ALDEIAS, QUEBRADAS.

O INVERNO JÁ NOS ALCANÇA  
ENQUANTO AINDA BUSCAMOS FLORES  
DA PRIMAVERA PÚBLICA QUE SE PERDEU...  
PARA COROAR A TUMBA DOS ENCANTADOS  
NESSA SEMEADURA DE CRUZES.

HOJE, CINQUENTA E SEIS MIL MORTOS,  
SUFOCADOS PELA PESTE,  
BATEM À PORTA DO GENOCIDA.  
QUEM RESPONDERÁ PELAS VIDAS  
QUE A INDIFERENÇA  
TRANSFORMOU EM CRUZES?

O HOLOCAUSTO É REAL.  
OS NOMES SÃO REAIS.  
A DOR É REAL. O LUTO É REAL.  
QUEM RESPONDERÁ POR ELES?

SOBRE NÓS O SOL  
E O OLHO DO DRONE.  
O OLHO DO DRONE NÃO CHORA,  
NÃO CONHECE O SAL DAS LÁGRIMAS.

REGISTRA A MORTE, APENAS.  
UMA GEOMÉTRICA COLMEIA DE ASSOMBROS  
CAVADA NO BARRO VERMELHO  
DO CORAÇÃO DO PAÍS.

O OLHO DO DRONE REGISTRA O PLANTIO  
PARA ENTREGAR UM DIA AOS SEGADORES  
A SINISTRA COLHEITA DA MORTE.

O PAÍS DOS ABRAÇOS  
APRENDE, NA DOR  
DAS DISTÂNCIAS MEDIDAS,  
UM NOVO IDIOMA DE GESTOS:  
EU TE AMO,  
MAS NÃO TE TOCO.  
EU TE AMO  
E PORQUE TE AMO  
NÃO TE TOCO.

CONTRA O ESCÁRNIO,  
QUE A PALAVRA DO POETA  
SEJA SOPRO E SE FAÇA VENTO  
SOBRE A BRASA ADORMECIDA  
DE NOSSA INDIGNAÇÃO.



**Pedro Tierra** - Poema lido na Cerimônia de Encantamento de quem partiu nas asas da Covid-19, na Esplanada dos Ministérios, em 28 de junho de 2020.



Foto: divulgação/Ricardo Stuckert

# SERÁ QUE TODO DIA É MESMO DIA DE ÍNDIO?

Antônio Teixeira Neto

Há exatos 500 anos, Cortez, com alguns trabucos, meia dúzia de cavalos e uns poucos homens, deu início ao flagelo das Américas, ou melhor, à destruição de impérios: o primeiro a ruir foi o império dos asteca no México, em seguida, o império dos inca, nos altiplanos andinos.

No Brasil, em 22 de abril de 1500, ingênuos índios, das praias, viam aqueles homens que saíam do mar como se fossem deuses! O encantamento – naus com velas com a cruz de Cristo, homens barbudos e, como dizia Darcy Ribeiro, fedentos, mas diferentes – os embevecia!

Quase todo escrito ou toda crônica que se faz sobre o índio brasileiro, todo 19 de abril começa geralmente assim: “hoje é dia do índio! Vamos, então, como qualquer outro dia, comemorar!” Comemorar é uma palavra mágica, mas alienante (nos afasta do real sentido “do dia disso ou daquilo”), porque parece que o que importa mesmo é comemorar! Então...

Não que não haja fatos que justifiquem não se lembrar que todo 19 de abril é Dia do Índio! Praticamente quase todos os dias, imagens mostradas pela mídia, principalmente a TV, falam mais fortes e convincentemente que qualquer crônica ou artigo a respeito do assunto. Basta clicar em sites de ONGs sérias, como o Cimi, para se inteirar de relatos, depoimentos e imagens pungentes sobre o flagelo a que, hoje e agora, nossos índios são submetidos.

Infelizmente, em cidades próximas a aldeias, em que índios aculturados curtem nas calçadas trocas de mensagens em *smartphones*, parecem mostrar que enquanto a Covid-19 já é para os brancos um flagelo, para eles isso nunca chegaria.

Ilusão atroz, porque enquanto alguns querem viver vida de branco, que os encanta e seduz, suas terras são invadidas por fazendeiros-grileiros, garimpeiros

e, sobretudo, madeireiros. “Produzir é o que importa!”, dizem eles. O governo federal atual tudo isso vê e, inacreditável, tudo isso também incentiva!

Realmente, sejamos brancos ou índios, estamos vivendo novos tempos e novos flagelos. Como sabemos, os garimpos (autorizados em terras indígenas pelo governo), como as queimadas e desmatamentos que avançam sobre o que é protegido por lei, detonam o meio ambiente.

E há quem pense que garimpeiro só trabalha com as mãos! As atitudes incorretas de homens e mulheres que acham que terra indígena não tem que existir, advém de uma só fonte: aquela alimentada pelo *establishment* político e financeiro, que veem nelas um grande desperdício de riqueza. Se esquecerem de que é nessas mesmas terras que moram a sobrevivência e a felicidade futuras de nossos filhos, netos, bisnetos, tataranetos. Ana Bella agradece!

Não é de hoje que, sem ser, digamos, especialista do assunto, venho me preocupando com essa questão. Se, antes, eram as doenças sexualmente transmissíveis (DST) que infestavam e matavam os índios (sífilis, varíola, aids...), hoje é um inimigo invisível – a Covid-19 – que não poupa nem a eles e nem aos brancos: tudo se iguala. Mas, para os indefesos índios de nossas mais profundas florestas – os Yanomami, por exemplo –, que ainda vivem como há dez mil anos, essa nova peste do século XXI é o Senhor da Morte!

Há anos, então, venho abordando a questão do índio, não como uma questão meramente antropológica, mas, sobretudo, humana. Sem nenhuma outra pretensão, senão a de mostrar a injustiça e o ódio que perduram entre nós contra o indivíduo indígena, insisto em dizer que sem a sabedoria indígena – dita e praticada na aldeia –, o Brasil deixa de ser uma nação exemplar no que concerne à proteção do seu meio ambiente em todos os sentidos.

Em um primeiro escrito (2006), sublinhava que o ser humano juvenil, alegre e, sobretudo, livre em seu modo de ser que, no começo, era o índio, só existia na nossa imaginação e nas caricaturas literárias que se fazem sobre ele e, cada vez mais raro, nas tribos não contactadas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Naquela ocasião, enfatizava também que a simples pronúncia da palavra “índio” já despertava nas pessoas reações das mais diversas: para algumas, devido ao modo de vida indígena, ela teria relação com pureza, inocência e até mesmo candura; para outras, ou melhor, para a maioria, ela estava equivocadamente associada a premeditação, selvageria, ódio, violência, malinidade e até mesmo traição.

Anos depois (2013), evocando Darcy Ribeiro, pintava-se uma das mais belas aquarelas de nossa terra: a de como era o Brasil dos índios assim que por aqui chegaram os descobridores portugueses: “Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos seus ganhos, em ouro e glórias. Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver [...]”.

E foi assim que tudo começou na *Terra Brasilis*: um choque brutal entre duas maneiras opostas de ver o mundo – a dos índios e a dos descobridores. Infelizmente, 520 anos depois, pouca coisa mudou na relação entre índios e brancos em nossa terra, pois, de um lado, o homem branco e todo o seu aparato de guerra ainda rondam as terras indígenas; de outro, o índio, praticamente cercado e indefeso, continua ameaçado pela ambição dos brancos.

Em todos esses escritos, ao focar a questão do índio no Brasil em geral, ou em qualquer outro recanto desse imenso planeta Terra, enfatizava-se que sempre se encontrariam desvios retóricos para afirmar que estavam diante de um problema insolúvel.

De um lado, se situavam pessoas e instituições que viam o índio como criatura humana e seus territórios como espaço essencial à sua sobrevivência material e espiritual; de outro, havia forças poderosas que sistematicamente se opunham a qualquer medida que contrariasse interesses de grupos privados também poderosos e que, por isso mesmo, não arredavam os olhos das terras indígenas. Na ocasião, discursava-se um pouco sobre o papel de entidades nacionais que se ocupavam – e ainda se ocupam dos índios: a Funai e o Cimi, por exemplo.

A Funai, cujo Regimento só foi aprovado em 1993, 26 anos após a sua criação –, dentre outras funções, competia primordialmente promover sob todos os aspectos o bem-estar dos índios, proteger, levantar, demarcar e homologar seus territórios e garantir o direito de permanecerem como índios, só intervindo apenas quando qualquer fator colocasse em risco a sobrevivência e organização sociocultural dos grupos indígenas. Não se sabe se ainda é este o seu papel.

Com relação ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi), criado em 1972 e vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ele era até então a instituição que mais esforços vinha despendendo para fazer prevalecer os direitos dos índios estipulados nas leis brasileiras. Seu objetivo primordial seria “defender a garantia do direito à diversidade cultural do índio brasileiro”.

Na verdade, esse objetivo primordial fora estabelecido para se “contrapor à filosofia do Estado brasileiro, que assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária”. Sua missão seria, portanto, diferente da que era estipulada para a Funai e, por esse motivo, sua preocupação maior era com a condição humana do indivíduo indígena, com vistas a valorizar essencialmente seu modo e suas formas originais de organização social e cultural. Pelo amor que desde o início sempre dedicou à questão indígena, o Cimi deve ainda trilhar pelo mesmo caminho.

Voltando às primeiras linhas deste artigo, repete-se a pergunta: o que mudou para nossos índios 520 anos depois que os barbudos fedentos chegaram às praias brasileiras?

Para alguns, como aquele índio que queria levar vida de branco, abandonando a tribo para habitar a favela, só restaram desilusões e uma dura realidade: “o mundo aqui fora é sujo e sem saída; não tenho mais como retornar; não saiam daí”, aconselhou aos que ficaram em casa – a tribo.

Para outros, senão a maioria, como lamentava um velho cacique guarani em uma reportagem mostrada na TV Cultura há 16 anos, o mundo deles está diminuindo de tamanho:

*“A terra antes era grande; tinha mata, hoje não tem mais mata, porém, o que nós mais precisamos é de terra, água, mata; aqui, no meio do que restou, nós estamos abandonados; quero terra para minha família; não quero morrer assim; Deus criou isto tudo para nós, mas não temos mais terras; elas têm muitos donos; Deus castiga o mal que estão fazendo para nós, porque ela (a terra) está diminuindo”.*

Realmente, como sempre dissera Orlando Villas Boas, não há lugar para o índio na sociedade dos brancos, do mesmo modo que não há lugar para os brancos na sociedade dos índios, ou seja: cada qual deve viver no seu quadrado!

Ao finalizar, e deixando em aberto a pergunta mostrada no título deste texto, gostaria de ter poupado adjetivos ao focar mais uma vez esta questão, mas, ao que parece, isto é praticamente impossível. Ora, assim que chegaram os descobridores, aos índios, como relatara Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro* – seu último legado ao entendimento da sociedade a que pertencemos –, só restou o deslumbramento inicial, pois as concepções diferentes que ambos os lados tinham do mundo, da vida, da morte e do amor se chocaram cruamente.

Mas, como que dando colorido poético à dura realidade dos índios brasileiros, o antropólogo resume em poucas palavras como foi o primeiro o encontro entre as duas culturas: “esplêndidos de vigor e beleza, viam, ainda pasmos, aqueles seres que saíam do mar”. Desde então, todas as instituições que os europeus trouxeram consigo – exércitos, polícias, parlamentos, igrejas – recaíram sobre os índios como um flagelo.



**Antônio Teixeira Neto** – Doutor em Geografia e Cartografia. Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – IHGG. Sócio-Emérito do Instituto Bernardo Élis – ICEBE.



## A VIAGEM DO VOVÔ NO BALÃO DE SONHO

José Lopes Agulhê Junior

### E O PARAQUEDAS?

Algumas peças publicitárias apelam para a ideia de que a satisfação nos leva às alturas. Hall’s, Kolynos, Red Bull. Então, voar em um balão é isso: uma fantasia. Não há nada emocionante, zero de adrenalina. Balão de sonho.

Afora pelas bafaradas de fogo para enchê-lo de calor, o silêncio é total, especialmente com turistas nada brasileiros a bordo. Coisa para aposentados ou mote para histórias infantis. Tai: eu vou contar para Liz que um dia o vovô viajou em um balão.

*“Teve um dia que o vovô tava viajando de balão, aí anoiteceu e ele teve que ficar estacionado na Lua, só voltando para casa no dia seguinte. Aí, quando ele chegou, a vovó ralhou brava com ele porque ele num tinha avisado aonde ia. Aí o vovô falou pra vovó que tinha dormido na Lua, e a vovó disse que ele era doído, como ele pode ter dormido na Lua sem ter levado nenhum agasalho.*

– E faz frio na Lua, vovô?

– Fazer frio faz, mas o vovô achou um pedacinho de Sol e ficou dormindo debaixo dele até de manhãzinha.”

A coisa é tão maneira que eu tirei uns cochilos a bordo. Estava exausto da correria da viagem. Só não dormi de verdade porque eu me esforcei para ficar acordado. A gente fica de pé dentro da cabine (cesto), então é mais difícil dormir e sonhar que está voando em um balão. Acho que para o João Gallo seria perigoso.

A chegada dá até um *frisson* leve porque os caras estacionam a coisa sobre um reboque. É até bacaninha o pouso, bem calculado.

Tá bom, tem a paisagem vista de cima, a alternância de altura sim, mas é só. Muito organizado, o piloto era inglês, mil cuidados. Nada de aventura, gente aflita, mulheres desmaiando, dando gritinhos de horror, homens falando que no último voo cruzaram da Ilha de Galápagos ao Havaí.

E se lá em cima fôssemos obrigados a lançar fora sacos cheios de areia para reduzir o peso, trocar o cilindro de gás, pois a válvula sofreu uma avaria? Quem sabe um pássaro furasse a lona (?) e a coisa se rasgasse e tivéssemos que pular de paraquedas.

Epa! Eu não vi paraquedas a bordo.

Putz, agora eu fiquei com medo. Essa será a primeira e única vez que vou virar personagem em histórias envolvendo voo em balão.

Enfim, voar em um balão é como esse uma folia.

Até breve.



**José Lopes Agulhê Junior** – Escritor. Conto para a neta em gestação. Em <https://avosidade.com.br/a-viagem-do-vovo-no-balao-de-sonho/>

# DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ?

COLOCANDO VIDAS  
EM RISCO 

 SALVANDO  
VIDAS



## SALVE VIDAS! USE MÁSCARA.

Nossa cidade possui suas primeiras vítimas. Não vai querer que a próxima seja você ou alguém da sua família, vai?



GASTRONOMIA 

## BOLO DE BANANA ROSA MARIA

Lúcia Resende

Rosa Maria chegou a nossa casa há pouco mais de 10 anos e trouxe com ela o melhor bolo de banana que conheço!

Minha parceira nos afazeres da casa e na feitura dos quitutes, sua especialidade é mesmo este bolo. Por uma década fiquei acomodada; tinha banana sobrando, a tarefa era dela, e o lanche estava garantido. Tempo passou, e nada de eu aprender a fazer a delícia.

Agora, nestes tempos de Covid-19, Rosa Maria foi pra casa, para se proteger, e eu, que cá fiquei, tive de assumir, entre outras tarefas, a de fazer o bolo de banana da Rosa, porque virou costume, e a turma cobra!

Para este registro, resolvi batizar o bolo com o nome de quem me ensinou, claro!

### INGREDIENTES

4 ovos  
1 ½ xícara de açúcar cristal (eu uso demerara)  
2 xícaras de farinha de trigo  
1 xícara de óleo  
1 pitada de sal  
1 colher de sopa de fermento em pó  
Canela a gosto (uma colher de sopa, pelo menos)  
6 a 8 bananas (nanica)

### MODO DE FAZER

No liquidificador, bata os ovos, o óleo, o açúcar (reserve umas 4 colheres), o sal e 3-4 bananas (depende do tamanho). Despeje numa vasilha, adicione a farinha peneirada com um pouco de canela e misture. Por último, acrescente o fermento e despeje na assadeira (untada e polvilhada com farinha). Fatie as bananas restantes no sentido do comprimento e coloque por cima da massa. Misture a canela com o açúcar reservado e polvilhe as bananas. Asse em forno 180-200 graus. Depois, é saborear!



Lúcia Resende  
Professora  
 @mluciares





Foto: divulgação / Angéla Moura

# AILTON KRENAK: O MUNDO EM SILÊNCIO

Jaime Sautchuk

Quando a barragem da mina da Vale rompeu e jogou os resíduos de minério sobre as águas do Rio Doce, em Minas Gerais, os técnicos que foram designados pra reparar os danos pediram a opinião de alguns moradores sobre o que fazer. Um desses moradores, do município de Resplendor, é o jornalista e escritor Ailton Krenak, que disse ao engenheiro:

- Temos que parar todas as atividades humanas a 100 quilômetros de cada lado do rio.

O técnico retrucou:

- Mas isso é impossível de fazer. Vamos ter que parar o Mundo.

Anos depois, agora com 66 anos de idade, o líder indígena observa, em entrevista ao jornal *O Estado de Minas*:

- Pois agora o mundo parou!

E tomara que a sociedade que sobreviver ao ataque da pandemia do Coronavírus, que fez o mundo parar, não continue igual depois. Se houver depois. Não sabemos se estaremos vivos amanhã,

segundo ele, temos de parar de vender o amanhã. O Rio Doce segue merecendo condolências e luto. E Krenak comenta:

- Parei de andar mundo afora, suspendi compromissos. Estou com a minha família na aldeia krenak, no Médio Rio Doce. Já estávamos aqui de luto com o nosso Rio Doce. Não imaginava que o mundo faria esse luto conosco.

Remanescente dos aimorés, que viviam na orla do Sudeste, o grupo krenak soma hoje cerca de 350 pessoas. Na adolescência, Ailton foi morar no Paraná, onde foi alfabetizado aos 17 anos de idade e seguiu os estudos. Lá mesmo, virou produtor de comunicação e jornalista, e logo passou a participar dos movimentos políticos que renasciam no Brasil, em plena ditadura militar.

## CONSTITUINTE

Com o fim do regime fechado, em 1985, muitos indígenas faziam parte dos movimentos populares que tomavam conta do País, com pautas de reivindicações democráticas.

No ano seguinte, Krenak foi eleito membro da Assembleia Nacional Constituinte (ANC), com atuação marcante. Quando os debates em torno da questão indígena na nova Carta pareciam refluir, ele foi protagonista de um dos momentos mais fortes e emocionantes daquele processo.

Chegou à tribuna trajando um terno branco e tingindo o rosto de preto com tinta de jenipapo, em gestos de *Rin'tá*, que significa luto na cultura de sua etnia, como forma de protesto. Proferiu, então, um poderoso discurso, que mudou a história da Constituinte.

Como fruto de sua fala e de sua luta junto com outras lideranças indígenas da época, uma conquista inédita: a inclusão de um capítulo sobre os direitos dos povos indígenas na Carta Magna que passou a reger o País.

Krenak conta que outros povos indígenas, como os Caiapó, Xavante, Guarani e Terena levaram centenas de pessoas pra Brasília e ocuparam o Congresso, debateram e participaram das comissões. "A minha presença ganhou destaque porque eu fiz a defesa pública dessa emenda dentro do plenário do Congresso Constituinte; mas milhares de pessoas participaram desse processo", lembra ele.

## NOVO ENFOQUE

Há algumas décadas, o Brasil vem passando por mudanças na maneira como a questão racial é tratada pela sociedade e suas instituições. Agredir negros e índios de forma escancarada passou a ser uma atitude condenável, embora a posição oficial do atual governo federal seja a favor da livre exploração dos recursos naturais das terras indígenas, inclusive madeira e minérios.

De toda forma, é certo que as elites brasileiras e seus aliados gostam de se parecer com os brancos europeus. Esta sociedade não gosta de ver índio intelectual - índio tem que morrer logo, arranjar um trabalho braçal qualquer ou ficar quieto no seu canto. Este é um dos preconceitos que Ailton Krenak sempre enfrentou, nas diversas frentes de luta em que atuou.

Em 1985, ele criou a ONG Núcleo de Cultura Indígena, que atua na promoção da cultura indígena. Em 1988, participou da fundação da União dos Povos Indígenas, que representa os interesses indígenas no cenário nacional. E, no ano seguinte, participou da Aliança dos Povos da Floresta, movimento que propunha a criação de reservas naturais na Amazônia.

Desde 1998, o Núcleo de Cultura realiza, na região da Serra do Cipó, em Minas Gerais, um festival idealizado por Krenak: o Festival de Dança e Cultura Indígena, que promove a integração entre diferentes tribos indígenas brasileiras.

Em 1999, seu estudo *O Eterno Retorno do Encontro* foi publicado no livro *A Outra Margem do Ocidente*, organizado por Adauto Novaes. Um ano depois, apresentou o documentário *Índios no Brasil*, em dez capítulos, produzido pela TV Escola, que trata dos povos indígenas brasileiros desde o descobrimento até os dias atuais.

Em 2015, durante a Mobilização Nacional Indígena, foi lançado um livro da Azougue Editorial, que reúne diversas entrevistas concedidas por Ailton Krenak, entre 1984 e 2013. Os textos foram organizados pelo editor Sérgio Cohn e contam com apresentação de Viveiros de Castro.

Em fevereiro de 2016, a Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) concedeu o título de Professor Doutor *Honoris Causa* a Ailton Krenak, em reconhecimento por sua luta pelos direitos dos povos indígenas e pelas causas ambientais no País. Nesta mesma universidade, Krenak leciona as disciplinas "Cultura e História dos Povos Indígenas" e "Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais".

Ele tem, ainda, dois outros livros publicados, que são *Ideias para adiar o fim do mundo* (SP; Cia das Letras, 2019) e *O amanhã não está à venda* (SP; Cia das Letras, 2020).



Jaime Sautchuk - Jornalista, Editor da Revista Xapuri.

# SABÃO DE ÁLCOOL

## Reciclando gorduras

Lúcia Resende

O descarte do óleo de cozinha usado e das gorduras em geral gera graves problemas ambientais e mesmo econômicos. Geralmente as pessoas jogam esses resíduos na pia da cozinha (ou no vaso sanitário) ou simplesmente atiram em terrenos baldios. Outras, mais zelosas, fecham em recipientes e colocam no lixo orgânico. De toda forma, os danos são enormes, pois as gorduras são poluentes potenciais das águas, do solo e até da atmosfera.

Em nossas casas, quando jogadas diretamente nas tubulações de esgoto, elas causam entupimentos e atraem animais como ratos, baratas, escorpiões e outros insetos que ameaçam a saúde humana, seja por transmitirem doenças (leptospirose, hantavirose, giardíase etc.), seja por serem peçonhentos, como é o caso do escorpião.

Fora do nosso universo doméstico, as gorduras causam danos à rede de esgoto, gerando obstruções e vazamentos, contaminando mananciais e encarecendo os processos de tratamento nas Estações de Tratamento de Esgoto (ETE).

Para se ter uma ideia da gravidade do problema, um só litro de óleo doméstico pode contaminar um milhão de litros de água, quantidade consumida, em média, por um ser humano ao longo de 14 anos. Nos mananciais, as gorduras causam a diminuição do oxigênio dissolvido na água, por causa da atividade de micro-organismos que as degradam e, ao mesmo tempo, consomem muito oxigênio – isso provoca a morte da fauna aquática.

Jogados no lixo comum, esses resíduos provavelmente vão parar em aterros sanitários, lixões ou terrenos baldios. Nos aterros, eles se infiltram no solo e contaminam os lençóis freáticos; nos lixões e terrenos baldios, além do mau cheiro e da possibilidade de atrair ratos, cobras e outros animais que trazem riscos ao ser humano, podem causar uma maior liberação de gases de efeito estufa, como o metano, o que significa contribuir ainda mais para o aquecimento global.

### O QUE FAZER?

Mas então, o que fazer? Reciclar é a saída. Para isso, é preciso cuidar dos restos de gorduras, acumulando-os em vasilhas bem fechadas, para, depois, dar destinação adequada.

Uma das possibilidades é levar ao posto de reciclagem mais próximo, que encaminhará esses resíduos a locais especializados, para que sejam transformados em ração animal, sabão, detergente, cosméticos, tintas, biodiesel, massa de vidraceiro, entre outros produtos. Outra, vender (ou doar) para fabricantes de sabão, sejam empresas ou pessoas mesmo, é fácil encontrá-las.

Mas a melhor saída é reciclar em casa mesmo, cada qual cuidando do seu resíduo, e isso é muito mais fácil do que se possa imaginar. Com as gorduras acumuladas, num processo cuidadoso de descarte consciente, é possível fabricar sabão. Assim, além de contribuir para mitigar danos ambientais, pode-se ter um excelente produto de limpeza, com custo reduzido.

Trazemos aqui uma receita de sabão de álcool aprendida na casa da tia Debraíla Vilas Boas, com a prima Elza, lá no Triângulo Mineiro, e que se tornou prática em nossa casa há décadas.

### Ingredientes

- 4 litros de sebo bovino (ou outra gordura animal)
- 2 litros de óleo de cozinha usado
- 1 kg de soda de boa qualidade
- 3 litros de água
- 5 litros de álcool etílico (combustível)

Obs.: Para executar a receita, você precisa usar máscara e manusear os produtos em área aberta. Além disso, tenha em mãos uma bacia grande e um pedaço de ripa de madeira para mexer o sabão.

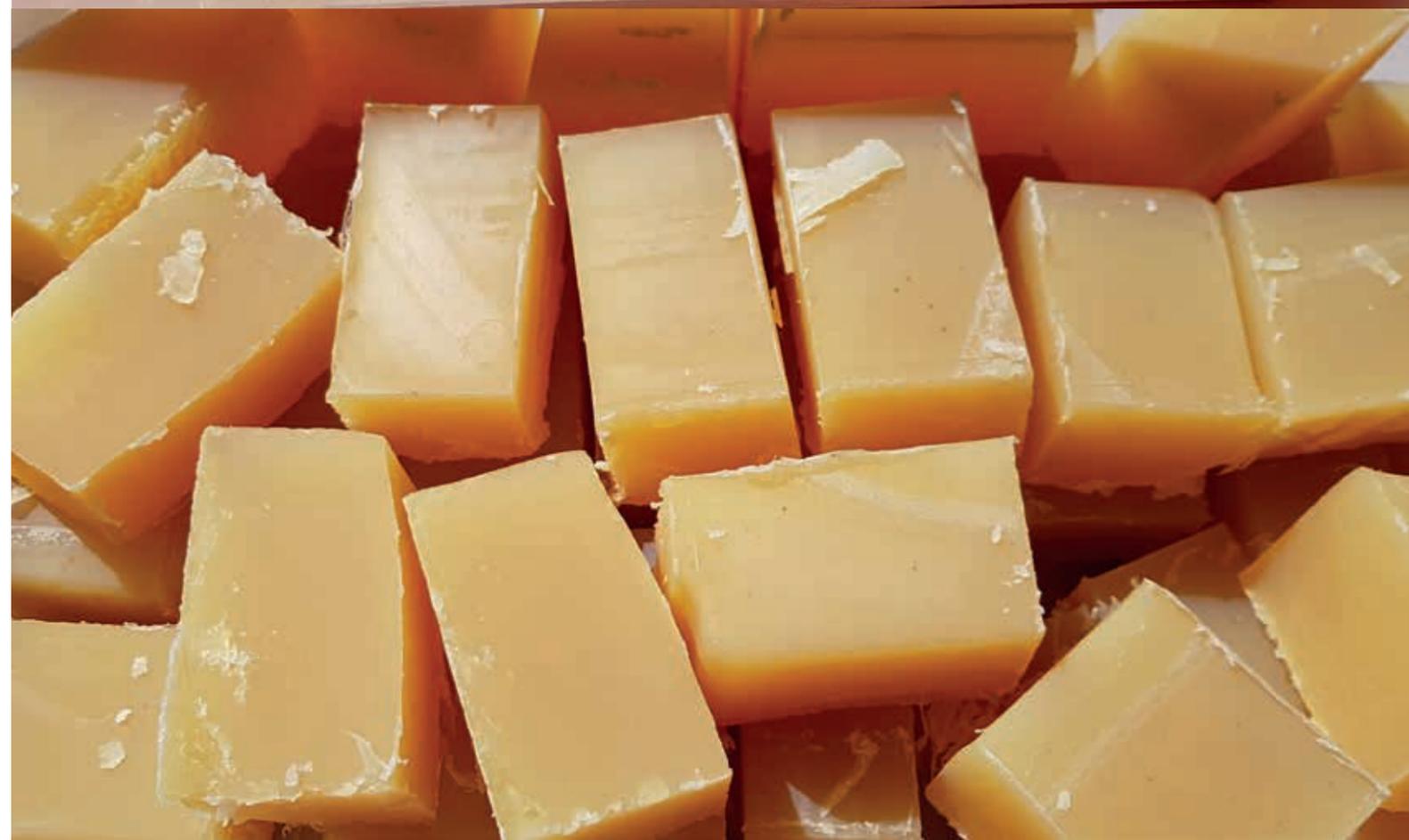
### Modo de fazer

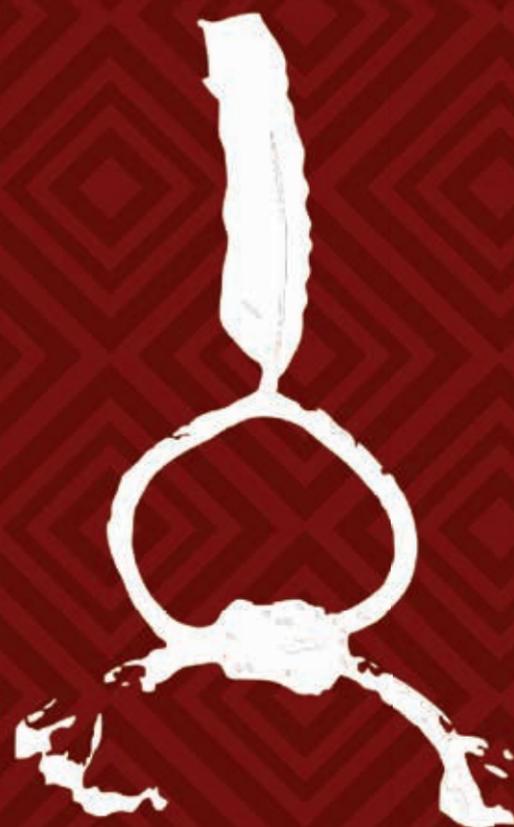
Cuidadosamente, coloque a soda em um balde com 3 litros de água. Com a ripa, mexa e deixe dissolver. Em uma panela grande, coloque o sebo e o óleo (coe, se tiver resíduos de fritura). Leve ao fogo só até o sebo estar completamente derretido (não precisa ferver). Feito isso, desligue o fogo! Despeje a gordura na bacia, acrescente a soda, mexendo devagar e sempre. Imediatamente, coloque o álcool (aos poucos, mas continuamente) mexendo de um lado a outro, sem parar. Em alguns minutos, o líquido inicialmente opaco adquire uma aparência vitrificada, exala um cheiro forte de álcool e faz espuma. Está no ponto! Pare de mexer e despeje em vasilhas de plástico (ou pode deixar na bacia mesmo). Deixe esfriar e corte em pedaços. O sabão é lindo e de excelente qualidade!



**Lúcia Resende**  
Professora

 @mluciacres





A'UWE TSARI  
S.O.S. xavante

[www.captar.info/campanha/sosxavante/](http://www.captar.info/campanha/sosxavante/)



## COVID-19: VIVER O LUTO. RESISTIR EM LUTA!

**Criança Marãiwatsédé** (09/05). **Pascoalina Rêtarí'õ Tsudzawere** - Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe (14/06). **Verônica Wautomoto'õ Tsudzawere** - Guadalupe (18/06). **Hilário Abreta awe Predzawe** - Guadalupe (18/06). **Cristina** - Aldeia São Cristóvão (21/06). **Mônica** - Aldeia Aõpa (21/06). **Reginaldo** - Aldeia Divina Providência (21/06). **Xisto** - Aldeia Sangradouro (22/06). **Criança** - Aldeia São Pedro (23/06). **Isaura** - Sangradouro (23/06). **Armindo** - Aldeia São Marcos (24/06). **RN de Divina** - Marãiwatsédé (25/06). **Sebastião** - Sangradouro (25/06). **Tadeu** - Aldeia Nossa Senhora de Fátima (26/06). **Davina** - São Marcos (26/06). **Damião** - Aldeia Vida Nova (26/06). **Maria Mazzarello** - Fátima (26/06). **Natimorto de Vanira** - Fátima (26/06). **Angela** - Três Marias/Campinópolis (26/06). **Criança** - São Marcos (26/06). **Óbito fetal** - São Marcos (26/06). **Carlos** (Funai) - Aldeia Nossa Senhora Rainha da Paz (27/06). **Vitório** - Aldeia Abelhiha (27/06). **João Bosco** - Aldeia Paranoá (28/06). **Bernadete Péré** - Aldeia Jesus de Nazaré (29/06). **Fabício Upréwa** - São Marcos (29/06). **Raimundo Ômore** - Aldeia São Francisco (30/06). **Eduardo** - Aldeia Três Marias (30/06). **Remigio Hu'uhi** - Aldeia Nossa Senhora da Guia (30/06). **Vicente** - Aldeia Nossa Senhora da Guia (30/06). **Celestino** - Aldeia São Pedro (02/07). **Sebastião Á õi'ru Tsuptó** - Aldeia São Marcos (03/07).

HOMENAGEM DA FETEC/CENTRO NORTE E DA CAMPANHA A'UWE TSARI  
A CADA CORAÇÃO XAVANTE QUE PARTIU.



# ESCOLA TATU DOS XAVANTE: UM SONHO CONCRETIZADO

Em setembro de 2007, há quase 13 anos, o povo Xavante celebrava, em grande festa cerimonial, a concretização de um sonho: a inauguração da Escola Tatu, na aldeia Nossa Senhora da Graça, na terra indígena São Marcos, em Barra do Garças (MT). Única escola no formato de tatu de que se tem notícia no planeta, a estrutura foi concebida em um projeto do professor Máximo Xavante, que sonhou com a obra. Responsável por executar o projeto, o ex-prefeito Zózimo Chaparral (PCdoB) conta como recebeu a proposta e buscou tirá-la do papel:

*“O índio Máximo Xavante, professor da aldeia, teve um sonho de uma escola no formato de tatu, porque o tatu tem uma importância muito grande na cultura do povo xavante, tanto na culinária, quanto na representação da força de um guerreiro. E ele levou essa proposta pra mim, juntamente com a então secretária de Educação, Fátima Resende, que se empenhou muito nesse projeto.”*

Os recursos para a construção da escola vieram de uma emenda parlamentar do então deputado federal Carlos Abicalil (PT-MT), junto ao ministério da Educação, na época comandado por Fernando Haddad, em um período no qual o governo do ex-presidente Lula passou a investir fortemente na educação.

“A escola foi construída com participação da comunidade, o local foi decidido por eles, tendo em vista a posição do sol e a proximidade de nascentes. Os mais velhos foram consultados”, relata Chaparral. A cabeça do tatu, apontada para o leste, ilumina a mente e concentra a sabedoria humana, e é ali que fica a biblioteca. O tronco do tatu concentra salas de aula e diretoria. A barriga do tatu é a cantina, onde é servida a merenda escolar. Já o rabo do tatu são os banheiros da escola.

Ao todo, foi investido cerca de R\$ 1,1 milhão, mas não apenas para construir a Escola Tatu. Outras quatro novas escolas, em formato de colmeia, também foram erguidas nas aldeias da reserva, além da reforma de todas as demais escolas. “A gente buscava tratar o uso do recurso público com muita seriedade. Com pouco mais de R\$ 1 milhão, foram construídas 5 novas escolas e reformadas algumas outras. É um investimento pequeno quando você pensa que R\$ 1 milhão pode ser o valor um de

apartamento na área mais nobre de uma cidade como Brasília, por exemplo”, afirma Chaparral. Os novos prédios passaram a servir não apenas como escola, mas como espaços multiuso, como locais de confecção de artesanato pelas mulheres indígenas.

A construção das escolas também marcou, na época, a aprovação do projeto político-pedagógico de educação indígena em Barra do Garças. Foi uma das primeiras cidades brasileiras a consolidar o projeto. Mais de 300 crianças indígenas passaram a receber alfabetização completa bilingue, em português e na língua xavante, com professores indígenas, nos moldes do que preconiza a Constituição Federal de 1988, assegurando a educação indígena com base em sua história e valores culturais ancestrais.

Ao fazer um balanço histórico desse período, o ex-prefeito Chaparral gosta de citar o nome das pessoas que foram fundamentais para a realização desse sonho. “Além do professor Máximo Xavante, idealizador da escola, foram muito importantes as participações dos líderes Agnelo Xavante, Cristóvão Xavante, Stanislau Tsirobo e dos caciques Aniceto, Raimundo e Manoel, além, é claro, do empenho da então secretária municipal de Educação Fátima Resende, da secretária municipal da Igualdade Racial Dolores Milhomem e do deputado Abicalil”.

Quando se recorda da concretização do sonho Xavante, Chaparral também analisa o contraste daquele período com o que o Brasil vive hoje. Lembra que as políticas de atenção aos povos indígenas estão cada vez mais sucateadas e completa:

*“Vivemos, durante o governo Lula, um período de ascensão das políticas de inclusão social e garantia de direitos das comunidades mais vulneráveis. Tudo isso procuramos reproduzir na gestão municipal, com a implantação de projetos educacionais, mas também esportivos, como o programa Segundo Tempo, que chegou nas aldeias indígenas, por exemplo. O que vemos hoje é o exato oposto disso, um projeto de destruição social e apagamento das culturas tradicionais. É preciso enfrentar esse projeto destruidor que representa o bolsonarismo.”*



**Pedro Rafael Vilela** –  
Jornalista.



Fotos: divulgação

# CAMINHO DAS TROPAS

Hugo de Carvalho Ramos

O lote derradeiro desembocou num chouto sopitado do fundo da vargem e veio a trouxe-mouxe enfileirar-se, sob o estado de relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão.

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o pirahy na facha encarnada da cinta, entre a "espera" da garrucha e a nickelaria da franqueira, desatou com presteza as bridas das cabresteiros, foi prendendo às estacas a mulada, e afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligáes, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.

O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornaes a ração daquela tarde.

O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum surranzito de ferramentas, mettido nas bruacas da cosinha, o chifre de tutano de boi, e armado duma dedada percorreu todo o lote, curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando, com a aspereza dum sabuco, o dolorido dum inchaço em princípio, aparando além com o gume do frême os rebordos das feridas de mau caracter.

Só então tornou à roda dos camaradas, ao pé do fogo do cozinheiro, no interior do rancho, onde chiava atupida a chocolateira aromatizada do café. A tarde morria nuns visos de crepúsculo pelas bandas da baixada. A mulada remoia nas estacas, e junto ao couro de milho um ou outro animal mais arteiro e manhoso escoucinhava e mordida os demais, no afan do maior quinhão.

(...)

- A gente quanto mais vive, mais aprende, já dizia minha avó. Assombramentos, tenho ouvido casos, verdade seja. Mas as mais das vezes falta de coragem, turvação de medo e da bebida... Maluquice, anda à toa pelo mundo da Virgem; não fora meu ânimo, hoje zanzaria por ahi, nessas bamburras, "gira" varrido. (...)

Em *Tropas e Boiadas* - Z.E.R. 3ª Edição - São Paulo - Rio - Bahia

## RELEITURA DO TEXTO E DA VIDA DO AUTOR

Nós, formosenses, sabemos que nossa cidade surgiu como entreposto de comércio de couro e pouso de

tropas. Explica-se, então, trazer este excerto do tesouro literário goiano para a visagem de todos.

Reparem bem na grafia da época e, com um pouco de boa vontade, pode-se bem entender e interpretar que o texto tem por narrador um tropeiro, conta a rotina de sua lida com os muares e com a cangalha. Também podemos ver que desde sempre o imaginário popular sobressai-se através das crendices. Bom saber como era, como foi a vida dos que adentraram o inóspito sertão cerratense de nosso Goiás.

Hugo de Carvalho Ramos era filho do juiz e poeta Manoel Lopes de Carvalho Ramos e de Mariana Felon Ramos. Nasceu em 21 de maio de 1895, em Villa Boa de Goyaz, hoje Cidade de Goiás, e desde cedo apresentou tendência e fascínio pela literatura.

Foi também da escola da Mestra Silvina Ermelinda Xavier de Brito (A quem Cora dedicou poema). Fase em que conviveu com ilustres colegas tais como: Benjamin Vieira, Breno Guimarães, Cora Coralina, Leão Caiado, Vítor de Carvalho Ramos (seu irmão) e outros não menos ilustres. Sabe-se que alguns de seus contos mais conhecidos foram escritos aos quinze ou dezesseis anos. Em 1917 publicou *Tropas e Boiadas*, uma coletânea de contos de inspiração sertaneja, que mereceu referências elogiosas da crítica nacional.

Em 1920, estando prestes a concluir o curso jurídico e estando já abatido por crise de depressão, viajou ao interior de Minas Gerais e São Paulo. No ano seguinte, novamente de volta ao Rio de Janeiro, vítima da angústia e da depressão, cometeu suicídio em 12 de maio de 1921.

A 31 de janeiro de 1999, um seletor júri selecionado pelo jornal mais importante do estado de Goiás, *O Popular*, de Goiânia, incluiu a sua obra imortal, *Tropas e Boiadas* (1917), dentre as vinte obras literárias mais importantes do século XX, em Goiás, tendo obtido o primeiro lugar com "10 menções" por parte do júri.



**Hugo de Carvalho Ramos**  
(\*1895 +1921 - 25 anos).

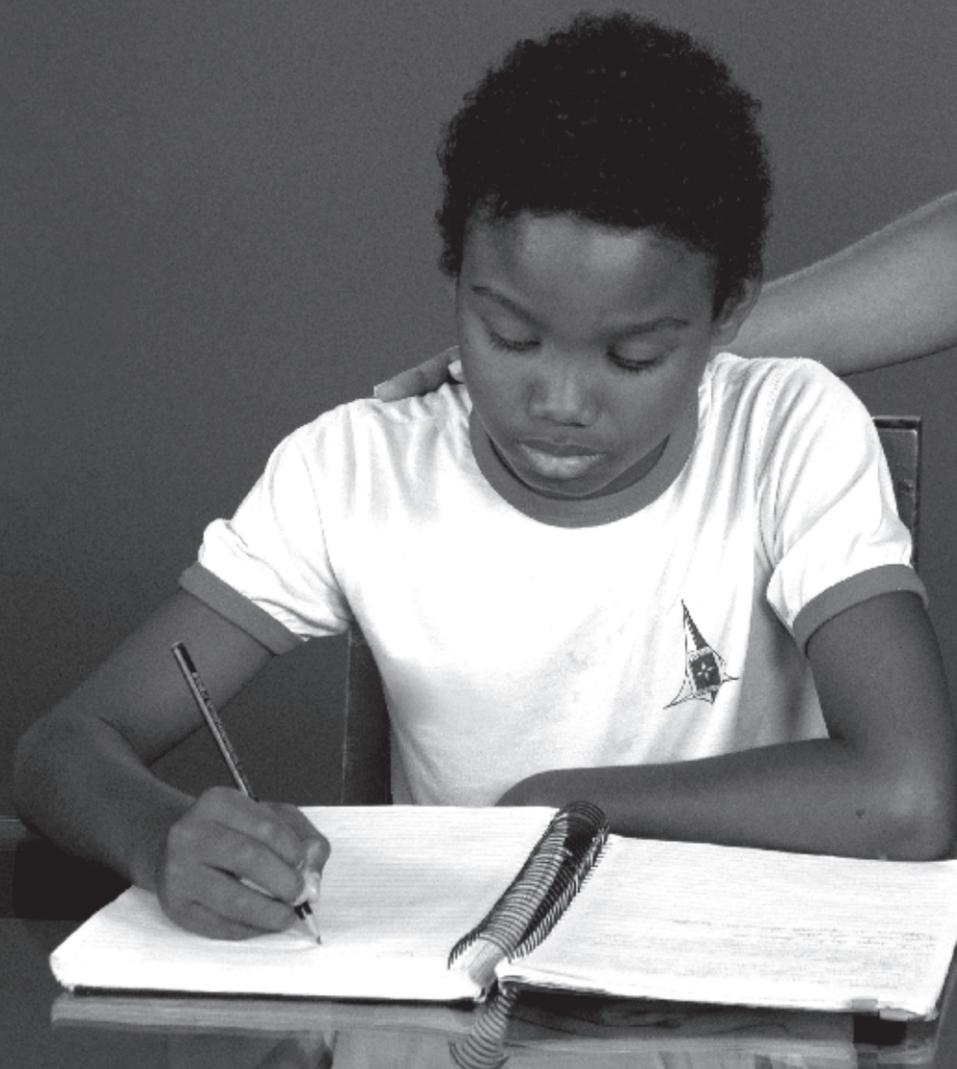


**Releitura por Iêda Vilas-Boas** - Escritora. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

# NÃO SOMOS COBAIAS!

#FiqueEmCasa

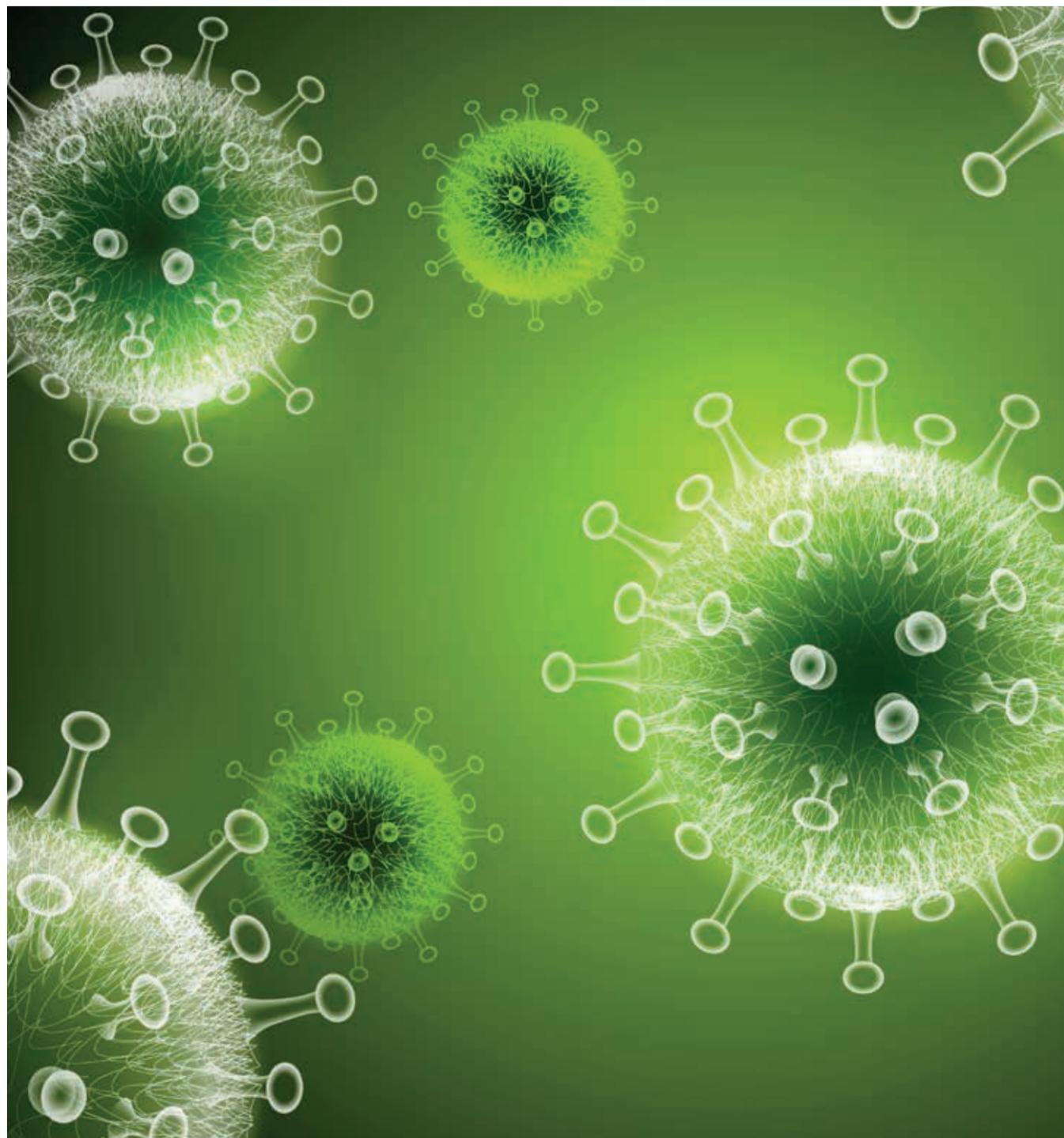
*a Educação  
não pode MORRER*



# COVID-19:

## OU COOPERAMOS OU NÃO TEREMOS NENHUM FUTURO

Leonardo Boff



Uma pergunta sempre esteve presente nas buscas humanas: qual é a nossa essência específica? A história conhece inumeráveis respostas. Mas a mais contundente, convergência de várias ciências contemporâneas como a novabiologia evolucionária, a genética, as neurociências, a psicologia evolutiva, a cosmologia, a ecologia, a fenomenologia e outras é essa: a cooperação.

Michael Tomasello, considerado genial na área da psicologia do desenvolvimento de crianças de 1-3 anos, sem intervenção invasiva, reuniu num volume as melhores pesquisas na área sob o título: *Por que nós cooperamos* (*Warum wir kooperieren*, Berlim, Suhrkamp, 2010). Em seu ensaio de abertura afirma que a essência do humano está no "altruísmo" e na "cooperação". "No altruísmo, um se sacrifica pelo outro. Na cooperação, muitos se unem em vista de um bem comum" (p.14).

Uma das maiores especialistas em psicologia e evolução da Universidade de Stanford, Carol S. Dweck, afirma: "mais que a grandeza excepcional de nosso cérebro e de nossa imensa capacidade de pensar, a nossa natureza essencial é esta: a aptidão de sermos seres de cooperação e de relação" (*Por que cooperamos*, op. cit. 95).

Outra, da mesma ciência, famosa por suas pesquisas empíricas, Elizabeth S. Spelke, de Harvard, assevera: "nossa marca, por natureza, diferencial de qualquer outra espécie superior como a dos primatas (dos quais somos um bifurcação) é 'a nossa intencionalidade compartilhada' que propicia todas as formas de cooperação, de comunicação e de participação de tarefas e de objetivos comuns" (op. cit. 112). Ela caminha junto com a linguagem que é, essencialmente, social e cooperativa, traço específico dos humanos, como o entenderam os biólogos chilenos H. Maturana e F. Varela.

Outro, este neurobiólogo do conhecido Instituto Max Plank, Joachim Bauer, em seu livro *O gen cooperativo* (*Das kooperative Gen*, Hoffman und Campe, Hamburgo, 2008) e especialmente no livro *Princípio humanidade: por que nós, por natureza, cooperamos* (2006) sustenta a mesma tese: o ser humano é essencialmente um ser de cooperação. Refuta com veemência o zoólogo inglês Richard Dawkins, autor do livro muito difundido: *O gene egoísta* (1976/2004). Afirma que "sua tese não possui nenhuma base empírica; ao contrário, representa o correlato do capitalismo dominante que assim parece legitimá-lo" (op. cit.153). Critica também a superficialidade de outro livro *Deus, uma ilusão* (2007).

No entanto, diz Bauer, é cientificamente verificado, que "os genes não são autônomos e de modo algum 'egoístas', mas se agregam com outros nas células da totalidade do organismo" (*O gene cooperativo*,184). Afirma mais ainda: "Todos os sistemas vivos se caracterizam pela permanente cooperação e comunicação molecular para dentro e para fora" (op. cit.183).

É notório pela bioantropologia que a espécie humana deixou para trás os primatas e virou ser humano, quando começou, de forma cooperativa, a recoletar e a comer o que recolhia.

Uma das teses axiais da física quântica (W.Heisenberg) e da cosmogênese (B.Swinme) consiste em afirmar a cooperação e a relação de todos com todos. Tudo é relacionado e nada existe fora da relação. Todos cooperam uns com os outros para coevoluir. Talvez a formulação mais bela foi encontrada pelo Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da Casa Comum: "Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs, numa peregrinação maravilhosa...que nos une também, com terna afeição, ao irmão Sol, à irmã Lua, ao irmão rio e à mãe Terra"(n.92).

Um brasileiro, professor de filosofia da ciência na UFES em Vitória, Maurício Abdala, escreveu um convincente livro sobre "O princípio cooperação" na linha das reflexões acima referidas, especialmente baseado na biologia.

Por que dizemos tudo isso? Para mostrar quão antinatural e perverso é o sistema imperante do capital com seu individualismo e sua competição sem nenhuma cooperação. É ele que está conduzindo a humanidade a um impasse fatal. Por essa lógica, o coronavírus nos teria contaminado e exterminado a todos. É a cooperação e a solidariedade de todos com todos que nos estão salvando.

De aqui por diante devemos decidir: ou obedecemos à nossa natureza essencial, a cooperação, no nível pessoal, local, regional, nacional e mundial, mudando a forma de habitar a Casa Comum ou começemos a nos preparar para o pior, num caminho sem retorno.

Se não ouvirmos esta lição que o Covid-19 nos está dando e voltarmos, com mais fúria ainda, ao que era antes, para recuperar o atraso, podemos estar na contagem regressiva de uma catástrofe ainda mais letal. Quem nos garante que não poderá ser o temido NBO (Next Big One), aquele próximo e derradeiro vírus avassalador e inatacável que porá fim à nossa espécie? Grandes nomes da ciência como Jacquard, de Duve, Rees, Lovelock e Chomsky, entre outros, nos advertem sobre esta emergência trágica.

Lembro apenas as derradeiras palavras do velho Martin Heidegger em sua última entrevista ao *Der Spiegel*, a ser publicada 15 anos após a sua morte, referindo-se à lógica suicida de nosso projeto técnico-científico: "Nur noch ein Gott kann uns retten" = "Somente um Deus nos poderá salvar".

É o que espero e creio, pois Deus se revelou como "o apaixonado amante da vida" (Sabedoria 11,24).



**Leonardo Boff** – Escritor. Teólogo. Escreveu como *cuidar da Casa Comum*, *Vozes* 2018 e *A opção Terra: a solução da Terra não cai do céu*, Record 2009.

# TICÊ:

## A DEUSA BRASILEIRA DO SAGRADO FEMININO

Iêda Vilas-Bôas  
Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno



O Brasil tem sua contribuição na magia do Sagrado Feminino. Entre os muitos deuses de nossa esgarçada e sofrida Pátria Amada Brasil, deixamos lugar de destaque para Ticê – uma Deusa brasileira.

Ticê é de nossa herança, também, dentro do Sagrado Indígena. Eles, os povos indígenas, são os verdadeiros donos deste lugar, e são nossos ancestrais originários. Nossos povos originários, assim como outros povos, a exemplo da mitologia grega, das deidades estudadas em Goétia e outras egrégoras, buscavam no esoterismo o reconhecimento de figuras míticas sentido para todos esses eventos que não se podiam explicar, mas que aconteciam e acontecem.

Para exemplificar melhor, podemos dizer que existe o gênio das pessoas, o íntimo que conversa com a consciência, a natureza pessoalíssima de cada um, quase que como um ser dentro de si: alguns se dão à maldade, violência e crueldade, sem que, aparentemente, tenham motivos para tal. “É o gênio”, dizem. Outras pessoas já nascem transcendendo a paz e a bondade, a voz do gênio vibra ressoando harmonia com o ser. Assim entendemos esses fenômenos relacionais entre gênio, personalidade e existência, que se confundem com a não explicação contundente para com os meteoros no céu, o girar da Terra em seu eixo, e mesmo a vida e sentido da Via-Láctea e todos os acontecimentos sobrenaturais que se dão em natural harmônico, por si.

A história de Ticê nos foi presenteada pela mitologia tupi-guarani. Tem seu valor guerreiro originário como parte do empoderamento de mulheres e da resistência cultural. Muitos serão os céticos, porém existem aqueles que conhecem as deusas e seus poderes. A Deusa Ticê foi chamada de “a feiticeira sem medo”. Alguns a consideram como a Deusa da maldade e da inveja. Na mitologia é a deusa do submundo.

Ticê causava medo às pessoas pela grandiosidade de poder que possuía. Manuseava suas habilidades mágicas dentro da feitiçaria com sigilo e muitos segredos. Fluidica desde o telúrico ao etéreo: força pura.

Todos valorizavam seus conhecimentos mágicos e admiravam sua dedicação na busca incessante para a elevação de seus poderes. Adquiriu intenso conhecimento sobre as profundezas da magia e conseguiu alcançar o elevado nível de deusa. A força ancestral da mulher indígena soube harmonizar seu gênio e magia transformando-os em equilíbrio natural.

A Deusa Ticê era conhecida por dominar e plantar a maldade e a inveja no coração de todos; “gênio” talvez devesse ter um correspondente mais digno do feminino. Em sua sabedoria e feitiçaria toda, possuía dons em manipular poções e venenos mortais com ervas e outros elementos. Ainda hoje há quem diga que Ticê sobe desde o pé esquerdo da mulher preparada e corajosa que se adentra em matas em busca de conhecimento e mostra segredos da magia natural das plantas. Para danos, domínios, ou até não. Sabedoria é árvore nova, pende para onde a soprarmos.

Ticê, usando de seu encantamento e feitiço, tornou-se esposa do Deus do submundo: Anhangá. Também

muito poderoso, carregava a missão de punir e castigar as pessoas ruins e cruéis. Protetor da mata e flora e arqui-inimigo de Tupã, Deus permissivo e do livre arbítrio. Anhangá fazia sua própria justiça contra quem maltratava mulheres, fêmeas grávidas e seres indefesos. Nesses eventos, o cometedor da maldade era obrigado a encarar Anhangá nos olhos e, imediatamente, era acometido por uma loucura extrema, que levava esse infrator à morte.

Ticê foi levada a Anhangá com fama de espalhar maldade e inveja e pelo poder de seus feitiços. Ela encarou Anhangá e não foi atingida pela loucura e morte. Essa troca de olhares resultou em paixão, desejo e lascívia. Desde então, o casal passou a reinar no submundo juntos. Ticê passou a comandar as trevas e a retornar à superfície para punir ou abençoar aqueles que a veneravam, ensinando e praticando seus poderosos feitiços, entre eles o encantamento amoroso e as amarrações.

Sua magnífica e irresistível beleza aliada aos seus tão assombrosos poderes levaram-na a se tornar a rainha de regiões infernais. Ticê é admirada e temida porque soube contar com o seu poder de mulher guerreira e forte.

Ela nunca dependeu de outros poderes, nem dos de Anhangá. Bastou-se através de sua dedicação ao estudo da arte da magia e de feitiços e continua sendo quem ela quer ser. Uniu-se a Anhangá por opção, e entre eles reinou a igualdade. Ao olhar profundamente nos olhos de Anhangá, saíram de sua bela boca as seguintes palavras: “Nós somos igualmente valorosos. Você me deve o mesmo respeito que eu devo a você”.

No Vale do Anhangabaú (mau espírito), em São Paulo, passava um rio. Nas regiões abissais desse rio moravam Anhangá e Ticê. Porém, o homem branco renegou sempre os mitos e lendas para implantar o progresso e achar espaço para sua ganância e seu suposto poder. E assim foi construindo a cidade nos arredores do rio. Injustiças sociais e outras modernidades sobrepujaram os poderes de Ticê e Anhangá.

Muitos não querem acreditar, mas tantos contam do cervo branco espectral que passeia por ali. Coincidentemente, as maiores tragédias de São Paulo ocorreram naquela região. Essa crença é pessoal e intransferível, o que importa mesmo, crendo ou não, é que o homem abra os olhos em tempo e tome para si o dever e respeito de zelar, cuidar e amar a natureza, domar seus instintos de ser e querer para harmonizar-se com o universo, ou que vá se entender com a justiça de Anhangá e Ticê!

Nemarangatueté! Orému camiarú!  
(Seja digna! Feitiço nosso!)

**SALVE, TICÊ!**



**Iêda Vilas-Bôas** –  
Escritora.



**Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno** –  
Escritor.

O MOMENTO HISTÓRICO EXIGE QUE A SOCIEDADE CIVIL BRASILEIRA SE COLOQUE EM MOVIMENTO, EM ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO. IMPÕE-SE A NECESSIDADE DE REUNIR E UNIR TODOS E TODAS QUE CONSIDERAM A PROTEÇÃO DA VIDA E DA DEMOCRACIA VALORES UNIVERSAIS, ATUALMENTE AGREDIDOS E AMEAÇADOS PELAS MEDIDAS E INICIATIVAS DE AUTORIDADES PÚBLICAS DO GOVERNO FEDERAL.

A CNTE FAZ PARTE DESSA REUNIÃO DE ESFORÇOS PARA PROTEGER A VIDA, FAVORECENDO A SOLIDARIEDADE, A COOPERAÇÃO, A ARTICULAÇÃO E A COORDENAÇÃO ENTRE GOVERNOS, INSTITUIÇÕES, ORGANIZAÇÕES, MOVIMENTOS E CIDADÃOS E CIDADÃS.

[www.brasilpelademocracia.org.br](http://www.brasilpelademocracia.org.br)



**APOIO**

**CNTE** Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação  
[www.cnte.org.br](http://www.cnte.org.br)

Filiada à  
**CUT** BRASIL

Institucional  
da Educação

CEA

**FNPE**  
Fórum Nacional Popular de Educação



## **XAPURI**

### **CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

*VENI COM A GENTE!*

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **210**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL**

R\$ **270**,00  
24 EDIÇÕES

**ASSINE JÁ!**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)

